

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PSICOLOGIA

Luísa Fochesato Dall’Agnol

**Práticas educativas e comportamentos parentais em famílias com crianças pré-escolares que apresentam problemas de comportamento externalizantes**

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Co-orientação: Doutoranda Marcela Bortolini

Porto Alegre, 2017

Luísa Fochesato Dall'Agnol

**Práticas educativas e comportamentos parentais em famílias com crianças pré-escolares que apresentam problemas de comportamento externalizantes**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia - Habilitação Psicólogo - do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Psicólogo, sob orientação do Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini com a co-orientação da Doutoranda Marcela Bortolini

**Orientador:** Cesar Augusto Piccinini

Co-orientação: Doutoranda Marcela Bortolini

Porto Alegre, 2017

## AGRADECIMENTOS

O percurso dessa conquista nunca foi trilhado só. Impossível não agradecer, então, quem fez, junto comigo, com que esse momento se tornasse real.

Agradeço aos meus pais, que sonharam junto comigo e me deram toda a base necessária para esse voo. Que suportaram medos e angústias, transformando-os em força e coragem, transmitindo a mim confiança e segurança. Sem vocês, Anildo e Marines, esse sonho não teria sido sonhado, nem realizado! Amo vocês infinita e eternamente.

Ao meu irmão, Artur, que desde sua vinda me ensinou a ver o mundo de um jeito mais tranquilo e sereno. Que foi, e sempre será meu companheiro de vida. Te amo infinita e eternamente.

Aos meus avós, Amábile, Vicente e Hermínio que me acompanham de outro plano, e em especial à minha avó Alzira, que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida, sendo exemplo de amor, fé e coragem. Te amo infinita e eternamente!

Ao meu afilhado, Marco Antônio, meu maior e melhor presente! Que me mostrou a forma mais pura e genuína de amar e que alegre e ilumina minha vida.

Aos meus dindos, que sempre me amaram e cuidaram como sua filha.

À Marcela, por ter me guiado ao longo da construção desse trabalho com muita doçura, competência, amparo e carinho. És um exemplo que sempre levarei comigo!

Ao professor Cesar, pela acolhida ao longo dos quatro anos de NUDIF e por aceitar orientar este trabalho, prezando sempre pela excelência e ética na pesquisa. Foste e sempre serás um grande mestre!

Aos meus amigos, por todo o companheirismo, amparo e carinho. Por serem porto seguro em todos os momentos. Por me alegrarem, darem força e torcerem por mim. Vocês são meus preciosos trevos de quatro folhas!

Aos meus também amigos e futuros colegas psicólogos, por todo o afeto, aprendizado e apoio ao longo desses cinco anos de graduação. A psicologia faz muito mais sentido ao lado de vocês!

A toda sociedade brasileira, que custeou o meu ensino, muito obrigada!

*Dedico este trabalho  
aos meus pais, Anildo e Marines,  
que me deram asas e me permitiram voar,  
com a certeza de que eu sempre teria para onde voltar.*

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>Resumo</b> .....  | 6  |
| <b>Introdução</b> .....  | 7  |
| 1.1 Problemas de Comportamento Externalizantes .....   | 7  |
| 1.2 Práticas educativas e comportamentos parentais .....   | 11 |
| <b>Método</b> .....  | 15 |
| 2.1 Participantes .....  | 15 |
| 2.2 Delineamento e Procedimento .....  | 16 |
| 2.3 Instrumentos .....   | 17 |
| 2.4 Considerações éticas .....   | 20 |
| 2.5 Análise de Dados .....   | 20 |
| <b>Resultados</b> .....  | 21 |
| <b>Discussão</b> .....   | 38 |
| <b>Considerações finais</b> .....  | 43 |
| <b>Referências bibliográficas</b> .....  | 45 |
| <b>Anexos</b> .....  | 54 |
| Anexo A Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa .....   | 54 |
| Anexo B Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....   | 57 |
| Anexo C Ficha de dados demográficos da família .....   | 58 |
| Anexo D Entrevista sobre o Desenvolvimento da Criança 4-5 anos .....   | 60 |
| Anexo E Observação da Interação pais-criança .....   | 63 |
| Anexo F Estrutura de categorias para análise das Práticas educativas e dos<br>comportamentos parentais ..... | 64 |

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar as práticas educativas e os comportamentos de pais e mães, cujos filhos pré-escolares apresentavam problemas de comportamento externalizantes. Para tanto, participaram quatro famílias, pai, mãe e criança. As crianças tinham entre 4 e 5 anos, sendo duas do sexo masculino e duas do sexo feminino. As quatro famílias eram de nível sócio-econômico médio. As famílias foram contatadas a partir de indicações de escolas de educação infantil, públicas e particulares, da cidade de Porto Alegre. Tal estudo faz parte de um projeto maior intitulado: “*Relação pais-criança e problemas de comportamento externalizantes: contribuições de uma intervenção para pais baseada na Terapia Cognitiva Focada em Esquemas*” (Bortolini, Wainer & Piccinini, 2016). Após o primeiro contato, as famílias participaram de uma avaliação inicial para verificar se atendiam aos critérios de participação no presente estudo. Nessa ocasião, os pais assinaram o *TCLE*, preencheram à *Ficha de dados demográficos da família*, e responderam à *Entrevista de desenvolvimento infantil* e ao *CBCL (Child Behaviour Checklist)*. Foi então, realizada a *Observação da interação pais-criança*, a qual foi posteriormente descrita e analisada, para fins do presente estudo. Os dados foram examinados através de análise temática, com base em um conjunto de categorias sobre práticas educativas e comportamentos parentais. Os resultados do presente estudo corroboram com a literatura, uma vez que foram observadas diversas associações entre as práticas educativas e os comportamentos das mães e dos pais com os problemas de externalização dos filhos. Por exemplo, comportamentos parentais coercitivo, inadequado, demandante, intrusivo e de não engajamento estiveram presentes nas interações das mães e dos pais com seus filhos. Estes achados são muito importantes tendo em vista que, na idade pré-escolar, importantes processos do desenvolvimento são constituídos na interação com os pais. A observação da interação da criança com a mãe e o pai realizada neste estudo, revelou o quanto práticas e comportamentos parentais inadequados, podem estar presentes na relação pais-filhos, quando o filho apresenta problemas de comportamento infantil.

Palavras chave: práticas educativas parentais; comportamentos parentais; problemas de comportamento externalizante.

## INTRODUÇÃO

### 1.1 Problemas de comportamento externalizantes

Problemas de comportamento externalizantes e problemas de comportamento internalizantes configuram-se como duas categorias contrastantes de problemas comportamentais e emocionais em crianças. Tais categorias refletem uma distinção detectada em inúmeros estudos que identificam estes problemas isoladamente e por vezes conjuntamente (Achenbach, 1991; Lambert, Wahler, Andrade & Bickman, 2001). Especificamente acerca dos problemas de comportamento externalizantes, foco deste trabalho, segundo Achenbach e Rescorla (2000), estes comportamentos são caracterizados pela manifestação de agressividade física ou verbal, agitação, impulsividade, problemas de atenção, comportamentos delinquentes, desobediência, reações de raiva e comportamentos disruptivos (Achenbach, 1991; Achenbach & Rescorla, 2000). Além disso, fatores como déficits em habilidades sociocognitivas, dificuldades de regulação emocional, déficits importantes nas interações, como brincar em jogos recíprocos, mostrar cooperação, esperar a vez também estão presentes nas crianças com esse tipo de problema de comportamento (Kazdin & Weisz, 2003). Por sua vez, os problemas de comportamento internalizantes são caracterizados por insegurança, tristeza, ansiedade, retraimento social e queixas somáticas (APA, 2014).

A prevalência dos comportamentos externalizantes, de um modo geral, é consideravelmente elevada, se comparada a outras dificuldades de comportamentos, como por exemplos os problemas de comportamento internalizantes (Bordin & Offord, 2000; Alvarenga, 2004). Inclusive os comportamentos de externalização são apontados como os problemas que apresentam maior prevalência na infância sendo caracterizados como o principal motivo de encaminhamento de crianças para serviços de saúde mental (Bufferd et al., 2012). Segundo Rios (2006), nos anos escolares, os problemas de comportamento externalizantes caracterizam-se como os mais impactantes em termos de saúde mental infantil. Devido às características dos comportamentos externalizantes, cabe referir que estes podem ser mais facilmente identificados por observadores externos como pais, professores ou cuidadores, principalmente por causarem maior desconforto no ambiente se comparado à manifestação dos problemas de comportamento internalizantes (Lins, Alvarenga, Paixão, Almeida & Costa, 2012).

Além da prevalência destes problemas, a literatura aponta para a tendência de crianças com problemas de comportamento nos anos pré-escolares desenvolverem,

posteriormente, psicopatologias ao longo do desenvolvimento. Por exemplo, crianças com problemas de externalização apresentam maiores chances de desenvolver Transtorno de Conduta e Transtorno Desafiador Opositivo (APA, 2014). De acordo com Owens e Shaw (2003), tais comportamentos tendem a ser persistentes e os mais comumente detectados na infância, podendo predizer, nos casos mais graves, outros quadros psicopatológicos, como o Transtorno de Personalidade Antissocial. Dessa forma, os problemas de externalização apresentam expressiva estabilidade ao longo do tempo, de modo que um terço das crianças permanece com a manifestação destes problemas ao longo da adolescência (Losel & Bender, 2012) e da vida adulta (Lansford, Malone, Dodge, Pettit & Bates, 2010; Tremblay, 2010).

Junto disso, estudos evidenciam que crianças em idade pré-escolar e com comportamentos mais desafiadores tem maior probabilidade de apresentarem comportamentos mais violentos ao longo da vida (Kazdin & Weisz, 2003). Da mesma forma, comportamentos de cunho mais agressivo na primeira infância podem ser o protótipo de atos delinquentes que ocorrerão na adolescência e até na vida adulta, uma vez que, mesmo com a mudança dos comportamentos ao longo do desenvolvimento, a natureza e a função destes permanece a mesma (Patterson et al., 1989). Assim, estudos apontam que os prejuízos em decorrência dessa dificuldade de comportamento podem influenciar possíveis dificuldades escolares na infância, até mesmo problemas de conduta, delinquência e criminalidade na idade adulta (Sandler, et al., 2010).

Nesse sentido, um padrão opositor e/ou desafiador nos anos pré-escolares e escolares, se não revisto e reconduzido pelos pais, professores e profissionais, apresentam elevada possibilidade de perdurarem, de modo mais severo, ao longo do desenvolvimento do indivíduo (Dishion & Patterson, 2015; Moffitt, 2003). Assim, cabe referir que a manifestação dos problemas de comportamento externalizantes e a aquisição de competências sociais, de acordo com a literatura, ocorrem em um período semelhante do desenvolvimento infantil (Alvarenga, 2004). De acordo com Castro, Melo e Silveiras (2003), a competência social seria a capacidade do indivíduo de, nas relações com outras pessoas, ter comportamentos que cumpram seu objetivo e que também mantenham uma relação positiva com a outra pessoa, sendo dessa forma, indispensável tanto para o processo de socialização quanto para o desenvolvimento de sua personalidade (Oliveira, Moroni & Arpini, 2007). A literatura aponta, então, para alguns indicadores comportamentais de ajustamento e competência social na infância, como por exemplo, a assertividade e a obediência (Alvarenga, 2004). Assim, a



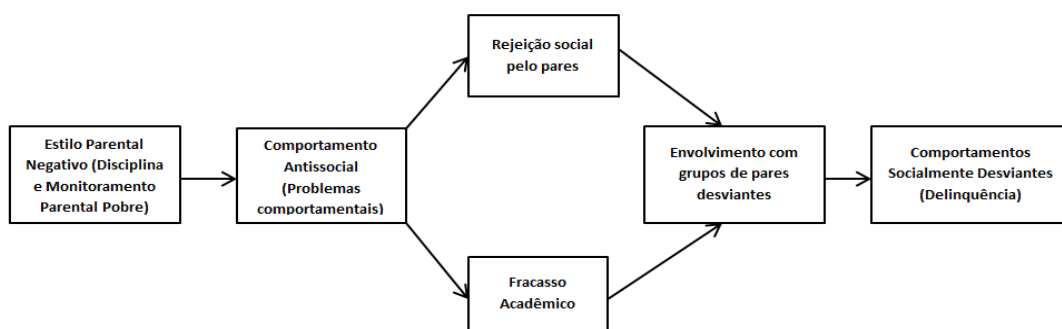
assertividade seria a capacidade da criança de atingir seus objetivos, defender suas ideias e desejos sem violar os direitos dos outros, tal habilidade faz com que a criança consiga expressar e negociar sua independência no contexto das expectativas e exigências perante os outros (Alvarenga, 2004; Crockenberg & Litman, 1990; Falcone, 2001). A obediência, por sua vez, é apontada por alguns autores (Patterson et al., 1992) como o primeiro passo no processo de socialização. Contudo, Alvarenga (2004) salienta que é importante diferenciar a obediência decorrente da compreensão do que foi dito à criança, daquela baseada em medo e coerção. Nesse sentido, a autora reforça que no que diz respeito à internalização de valores, é muito complexa a avaliação dos conceitos de obediência e desobediência, sendo importante, então, relativizá-los. Junto à esses indicadores específicos, Alvarenga (2004) também entende que uma interação positiva com os pais, envolvendo vocalizações, gestos e demonstrações de afeto positivos também vão de encontro à um desenvolvimento social adequado.

Dessa forma, a ocorrência dos comportamentos de externalização em pré-escolares esta associada a uma multiplicidade de fatores que tendem a contribuir para a manifestação destes comportamentos. Segundo Kochanska et al. (2015) esses fatores englobam variáveis constitucionais, sociais e ambientais, como por exemplo: variáveis sócio demográficas, entre elas a idade da criança e o nível socioeconômico da família; características da criança, como temperamento; e dos pais, como a presença de doença mental e as habilidades de cuidar da criança. Neste sentido, de acordo com Liu (2004), o ponto chave para se compreender o desenvolvimento dos problemas de externalização seria a análise da interação entre os fatores sociais (ex.: aprendizagem social, imitação, violência familiar e da mídia) e biológicos (ex.: anormalidades estruturais e funcionais do cérebro, descompassos hormonais ou de neurotransmissores).

Apesar da multiplicidade de fatores apontados na literatura, muitos estudos se voltaram para a compreensão da influência das práticas educativas e dos comportamentos parentais no desenvolvimento dos problemas de comportamento externalizantes em pré-escolares (Freitas & Alvarenga, 2016; McKee, Colletti, Rakow, Jones & Forehand, 2008; Salvo, Silveira & Toni, 2005). O Modelo da Coerção proposto por Patterson e colegas (Patterson et al., 1992; Granic & Patterson, 2006) foi e tem sido amplamente utilizado para o entendimento dos problemas de externalização. O modelo centra-se nas relações parentais como forma de compreender as dificuldades de comportamento apresentadas pelas crianças. De modo geral, os autores destacaram que, na relação com a criança, os pais “treinam” esses comportamentos externalizantes,

através de práticas coercitivas, tendo como efeito na criança outros comportamentos desviantes, criando assim, um ciclo de coerção. (Patterson et al., 1992).

Segundo Patterson et al. (1992), os fatores que contribuem para a evolução dos comportamentos socialmente desviantes ao longo do desenvolvimento seriam: 1) treinamento básico no contexto familiar, 2) baixo desempenho escolar e rejeição social e 3) adesão a grupos desviantes. Segundo Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989), quatro etapas do desenvolvimento da conduta antissocial se dariam de acordo com a figura abaixo.



*Figura 1. Progressão do desenvolvimento do comportamento antissocial*

Segundo este modelo da progressão do desenvolvimento do comportamento antissocial, na infância a criança aprenderia que, ao apresentar comportamentos coercitivos como ataques de raiva, choramingar, gritar ou chorar, ela descartaria os comportamentos negativos dos pais, como os pedidos de obediência. A partir disso, haveria um comprometimento nas habilidades sociais da criança que, na média infância, inserida no contexto escolar, seguiria no padrão de evitar atividades e assim, poderia tender à dificuldade na escola e à rejeição dos colegas. Na adolescência, tal rejeição social poderia impulsionar à adesão em grupos desviantes, podendo culminar inclusive em delitos., Tal padrão poderia seguir na idade adulta, com alta probabilidade de o indivíduo vir a apresentar comportamentos socialmente desviantes (Patterson, Reid & Dishion, 1992). Apesar disso, é importante salientar que tal progressão não necessariamente ocorre em todos os casos, tendo mais probabilidade de se desenvolver na presença de fatores como comportamento antissocial em pelo menos um dos pais, maior variedade de atos antissociais, início mais precoce dos comportamentos, bem como sua ocorrência em mais de um contexto (Patterson et al., 1992).

De acordo com Dishion e Patterson (2015), diversos autores que estudam os

comportamentos de externalização na infância tem afirmado que a relação com os pais seria a base para a presença ou ausência dos comportamentos externalizantes. Dessa forma, no presente estudo, a relação com os pais foi explorada a partir das práticas educativas e dos comportamentos parentais no tópico seguinte.

## **1.2 Práticas educativas e comportamentos parentais**

Apesar das intensas mudanças que a sociedade vem sofrendo, a família continua sendo a principal referência norteadora para o desenvolvimento da criança (Zamberlan, 2003). De acordo com a autora, relações inadequadas na família, podem constituir-se como potenciais estressores para seus membros. Nesse sentido, o Modelo da Coerção (Patterson et al., 1992), ao entender os comportamentos externalizantes, enfatizou os comportamentos parentais no contexto de dificuldade comportamental das crianças. A importância dos pais na compreensão dos comportamentos de externalização também foi evidenciada na revisão de literatura de Lins, Alvarenga, Paixão, Almeida e Costa (2012) que destacou que 30 estudos revisados, 22 investigaram exclusivamente as mães e somente 8 envolveram a própria criança. Isto revela para a importância dos pais tanto para a identificação como para o manejo dos comportamentos externalizantes.

Segundo Alvarenga (2001), no intuito de cumprir o papel de socialização da criança, que é atribuído à família, os pais utilizam diferentes estratégias para orientar e conduzir o comportamento dos filhos. De acordo com Alvarenga (2004), Patterson e colegas (1992), para explicar o início do processo de socialização da criança, criaram um modelo sociointeracionista, no qual a compreensão dos comportamentos socialmente desviantes e o desenvolvimento da competência social estaria no entendimento do conceito de contingência das práticas educativas parentais. De acordo com a autora,

*“o conceito de contingência das práticas educativas parentais faz referência ao fato de os pais comportarem-se efetiva e consistentemente no sentido de reduzir comportamentos inadequados e coercitivos, e de estimular a ocorrência de comportamentos socialmente adequados. O resultado de práticas educativas contingentes seria o de fornecer à criança, entre outras coisas, previsibilidade e, portanto, organização ao seu repertório comportamental.”* (Alvarenga, 2004)

Para muitos autores, as práticas educativas parentais são as estratégias que os pais utilizam para educar, socializar e controlar as atitudes dos filhos (Darling & Steinberg, 1993). De acordo com Hoffman (1975/1994), as práticas parentais podem ser divididas em duas grandes categorias: as indutivas e as coercitivas. As práticas parentais indutivas dizem respeito ao manejo dos pais de comunicar à criança seu desejo, por

meio da indução à obediência. Essas práticas envolvem explicação das consequências, negociação/troca, comando verbal indutivo, explicação com convenções e mudança nos hábitos da criança (Alvarenga, 2001). Tal prática, de acordo com Cassoni (2013), propicia à criança que ela compreenda a justificativa para tal comportamento e, através dessa compreensão, pode ir desenvolvendo maior autonomia para controlar seus comportamentos.

Em contrapartida, as práticas coercitivas envolvem diretamente o uso do controle e do poder dos pais sobre os filhos. Envolve o maior uso de punição e de privação da criança por parte dos pais. De acordo com Hoffman (1975/1994), tais práticas contemplam: punição verbal, ameaça de punição, privação/castigo, coação física e punição física. Cassoni (2013) afirma que tais práticas envolvem medo e ansiedade, dificultando que a criança compreenda o contexto e a razão da necessidade de mudança do seu comportamento. Ao não compreender, não internaliza um limite interno, necessitando em maior grau do controle externo. Além disso, segundo Pacheco (2004), a privação de afeto (desaprovação, indiferença, isolamento e privação condicionada de amor) também poderia ser compreendida como uma forma de punir a criança, visto que seria uma ameaça de rompimento do laço emocional, gerando ansiedade e insegurança.

Segundo Alvarenga (2004), o envolvimento positivo materno relaciona-se, particularmente, ao envolvimento positivo da criança. Alguns estudos (Bates, 1989; McLoyd & Smith, 2002; Patterson et al., 1992) observaram que o afeto e o suporte emocional fornecidos pelos pais são fatores protetivos contra o surgimento de problemas de comportamento em geral, afirmando que o envolvimento parental seria um aspecto relevante para a compreensão da competência social. Segundo o estudo de Pettit e Bates (1989), o afeto quando somado a uma atitude educativa e positiva dos pais estaria fortemente relacionado à ausência de problemas de comportamento, enquanto que o uso de estratégias coercitivas e a ausência de um envolvimento positivo dos pais seriam importantes preditores de problemas de externalização. Entende-se, assim, que o afeto dos progenitores tenderia a promover habilidades reguladoras adaptativas da criança aumentando a motivação desta para atender solicitações dos pais. Dessa forma, crianças que internalizam habilidades regulatórias apropriadas seriam capazes de responder adaptativamente a uma ampla gama de situações desafiadoras (Cunningham et al., 2009). Por outro lado, o uso frequente de castigos severos pelos pais poderia interromper a aquisição de habilidades reguladoras adaptativas através de alguns

mecanismos, como por exemplo, a estimulação de altos níveis de excitação negativa que interfere na aprendizagem social, bem como no desenvolvimento de habilidades reguladoras precárias (Power, 2004).

Nesse sentido, altos níveis de punição corporal e níveis mais baixos de afetividade dos pais estão associados a déficits na auto-regulação e comportamentos de externalização (Catania, 1999; Olson, Lopez-Duran, Lunkenheimer, Chang & Sameroff, 2011). Assim como, disciplina ríspida, como por exemplo, ameaça ou grito em resposta ao mau comportamento, é um preditor robusto de problemas de comportamento externalizante (Bailey Oesterle & Hawkins, 2009). Além disso, a rejeição dos pais, a punição e a inconsistente são fortemente implicadas na etiologia da agressão infantil (Dallaire & Wilson, 2010). Por fim, os resultados de um estudo de meta-análise demonstraram que práticas negativas, como pais mais distantes, punitivos e não envolvidos foram associadas a maior incidências de comportamentos agressivos na relação com os filhos (Kawabata, Alink, Tseng, van IZendoorn & Crick, 2011).

Além disso, estudos tem evidenciado que condutas intrusivas dos pais estariam relacionadas à problemas de externalização (Lins et al., 2012). Por exemplo, Oliveira, Frizzo e Marin (2000) referiram que a intrusividade materna, ou seja, a tendência dos pais controlarem exageradamente os comportamentos da criança por meio de perguntas, repreensões e checagens frequentes, poderia estar relacionada a comportamentos de externalização. Da mesma forma, Capaldi, Chamberlain e Patterson (1997) explicam que as práticas parentais ineficazes permitem um reforço do comportamento coercitivo da criança e também, dos problemas de conduta da mesma.

Nesta mesma direção o estudo de Marin, Piccinini, Gonçalves e Tudge (2012) com 48 mães e 33 pais, cujos filhos tinham seis anos de idade, revelou que as práticas indutivas correlacionaram-se negativamente com problemas de comportamento externalizantes e internalizantes, enquanto as práticas coercitivas correlacionaram-se negativamente com competência social das crianças. Da mesma forma, no estudo de Mondin (2008), o uso de práticas coercitivas, se constitui como negativa, principalmente no atual contexto em que as famílias primam pela flexibilidade e criticidade. Em contrapartida, a autora também salienta que práticas excessivamente permissivas também podem ser danosas para o psiquismo infantil. Assim, para Mondin (2008) se faz fundamental que os pais busquem ter práticas e comportamentos que favoreçam a adequada estimulação para o estabelecimento de limites e para o desenvolvimento infantil.

Além dos fatores acima expostos, o estudo de Parke et al. (2005) sugere que os pais contribuem de formas distintas no desenvolvimento dos filhos e, nesse sentido, os autores exemplificam que, uma mãe pode demonstrar mais afeto como um mecanismo compensatório caso o pai utilize táticas disciplinares mais severas. Da mesma forma, outros estudos buscaram compreender a coparentalidade, ou seja, a combinação entre os comportamentos de pais e mães e o desenvolvimento de problemas de comportamento nos filhos. Por exemplo, o estudo de Scrimgeour, Blandon, Stifter, Buss e Kristin (2013), examinou como os aspectos das relações parentais e da coparentalidade relacionam-se com o comportamento pro social das crianças na primeira infância. Os autores realizaram um estudo longitudinal com 58 famílias e encontraram que a coparentalidade cooperativa foi positivamente associada ao comportamento prosocial das crianças. Da mesma forma, Meteyer e Perry-Jenkins (2009), revelaram que o amparo de ambos os pais para com a criança, está associado com o menor número de problemas de comportamento e que ter dois pais não engajados está associado ao maior grau de problemas de comportamento nas crianças pequenas. Junto disso, estudos apontam que discordâncias entre os pais sobre as formas de educar o filho estiveram relacionadas à problemas de comportamento em crianças pré-escolares (Block, Block, & Morrison, 1981; Deal, Halverson, & Wampler, 1989). Dessa forma, além de compreender os comportamentos individuais dos pais, a literatura tem salientado a importância de compreender a influência dos comportamentos do pai e da mãe e da própria coparentalidade, na dinâmica dos comportamentos externalizantes em crianças pré-escolares.

A literatura aponta que os comportamentos externalizantes são um dos maiores motivos de busca por atendimento em clínicas de psicologia, denotando importantes impactos para as famílias, escola e sociedade. As pesquisas nessa área tem revelado que quando os comportamentos externalizantes estão presentes em crianças pré-escolares, estas tem mais chances de terem comportamentos desviantes ao longo do seu desenvolvimento (APA, 2014). Ainda, os estudos apontam para a influência que os comportamentos dos pais e as práticas educativas parentais tem nas crianças, especialmente na idade pré-escolar (Alvarenga, 2004; Dishion & Patterson, 2015; Patterson et.al, 1992). Além disso, existe uma maior incidência de investigações por auto-relato dos pais (Pedrini & Frizzo, 2010; Fite, Colder, Lochman & Wells, 2006; Ray, Calland, Lehto & Ross, 2006; Bater & Jordan, 2017) e mais investigações somente com a figura materna (Alati et.al, 2010; Gauy & Guimarães, 2006; McElroy &

Rodriguez, 2006; Pimentel, Santos, Vieira-Santos & Vale, 2011). Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo investigar as práticas educativas e comportamentos de pais e mães de crianças pré-escolares que apresentavam problemas de comportamento externalizantes.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram deste estudo quatro famílias com um filho que tinha entre 4 e 5 anos de idade, sendo dois meninos e duas meninas e que estava apresentando problemas de comportamento de externalização com perfil clínico no *Child Behavior Check List* (CBCL) segundo a avaliação de ambos os pais. As famílias foram selecionadas de um estudo maior intitulado “*Relação pais-criança e problemas de comportamento externalizantes: contribuições de uma intervenção para pais baseada na Terapia Cognitiva Focada em Esquemas* (Bortolini, Wainer & Piccinini, 2015)”<sup>1</sup>

As crianças inicialmente foram selecionadas em quatro escolas de educação infantil de Porto Alegre, sendo três públicas e uma particular, a partir da indicação dos educadores e psicólogos daquelas crianças que demandavam maior atenção por apresentarem comportamentos de externalização. Após, os pais das crianças foram convidados para uma primeira conversa, a fim de avaliar se o filho/a apresentava problemas de comportamento externalizantes e se a família poderia ser incluída no estudo, bem como se havia interesse da família em participar do mesmo. Como critérios de inclusão para participação das famílias no presente estudo, foi utilizado um conjunto de fatores, sendo eles: a criança estar dentro da faixa do escore clínico para problemas de comportamentos externalizantes segundo o *Child Behavior Check List* ½-5 (CBCL), de acordo com as classificações do pai e da mãe; os pais deveriam viver juntos desde o nascimento da criança. Como critérios de exclusão, foram utilizados os seguintes fatores: existência de membros da família com sintomas psicóticos não tratados e

---

<sup>1</sup> Este projeto envolveu uma avaliação inicial com os pais com a aplicação da *Ficha de dados demográficos da família*; *Child Behavior Check List* ½ -5; - *MINI Entrevista Neuropsiquiátrica Internacional*; *Entrevista sobre o desenvolvimento da criança/4-5anos*; *Entrevista sobre práticas parentais*; - *Questionário de Esquemas de Young*; *Entrevista sobre a experiência da maternidade/4-5anos*; *Observação da interação pais-criança*; *Entrevista de avaliação da intervenção*; *Questionário de Esquemas de Young*. Junto disso, os pais participaram de uma intervenção denominada *Terapia Cognitiva Focada em Esquema para pais de crianças com problemas de comportamento externalizantes - TEPPE* (15 sessões com a mãe e 15 sessões com o pai). Após o término da intervenção, os pais participaram de uma avaliação final com a aplicação dos instrumentos da avaliação final e três meses depois, responderam novamente na avaliação de *follow-up*.

transtornos mentais que exigissem atenção imediata; uso abusivo de drogas psicotrópicas pelos pais que requeressem internação; e a presença de atrasos no desenvolvimento da criança e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). No caso de algum desses critérios não terem sido correspondidos a família não seria convidada a fazer parte do presente estudo, mas caso houvesse a identificação da necessidade de acompanhamento psicológico, as famílias foram encaminhadas para o Centro de Atendimento Pais-Bebê da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ou para a Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Por sua vez, as famílias que atenderam todos os critérios, de inclusão foram convidadas para participar do estudo e, em caso de interesse, também convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quanto ao número e a escolha dos participantes, estes se baseiam no pressuposto de se buscar a compreensão aprofundada de cada caso, sem estar almejando a saturação dos dados (Stake, 2006), ou a replicação dos casos (Yin, 2005).

### **Delineamento e procedimentos**

Após o contato inicial com as famílias, e o aceite em participar da pesquisa, o pai e a mãe assinaram, o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (NUDIF/CRESCI, 2015). Nessa mesma ocasião e em um segundo encontro, responderam à: 1) *Ficha de dados demográficos da família* (NUDIF/CRESCI, 2011); 2) *MINI Entrevista Neuropsiquiátrica Internacional* (M.I.N.I 5.0., Sheehan et al., 1998); 3) *Entrevista sobre o desenvolvimento da criança/4-5anos* (NUDIF/CRESCI, 2014); 4) *Child Behaviour Check List* (Achenbach & Rescorla, 2000). Este último, além de preenchido em forma de entrevista foi gravado em áudio e posteriormente transcrito. Isto permitiu que as respostas dos pais a este instrumento fossem exploradas qualitativamente, com o intuito de compreender de maneira mais aprofundada os comportamentos que os pais julgavam estar presentes em seus filhos. Em um terceiro momento, os participantes foram convidados a participar da *Observação da interação pais-criança* (Bortolini & Piccinini, 2015), a qual fora filmada e, posteriormente descrita.

### **Instrumentos**

- *Ficha de dados demográficos da família* (NUDIF/CRESCI, 2011). Esta ficha visou obter alguns dados demográficos, tais como idade da mãe e do pai, escolaridade, profissão, estado civil, existência de outros filhos, religião, tempo de trabalho, número



de moradores da casa, bairro e classe social. (Anexo B)

- *Child Behavior Check List ½ -5* (CBCL; Achenbach & Rescorla, 2000). O CBCL ½ -5 é uma lista de verificação de psicopatologia infantil que inclui 100 itens comportamentais classificados por cuidadores em uma escala de 0 (não é verdade sobre meu filho) a 2 (verdadeiro ou muitas vezes verdadeiro sobre meu filho). Os itens são agrupados em duas subescalas: externalizantes e internalizantes. A subescala de sintomas de externalização inclui Comportamentos Agressivos e Problemas de Atenção. Já a subescala de sintomas de internalização inclui Queixas Somáticas, Retraimento e Ansiedade/Depressão. Além disso, o CBCL também apresenta as seguintes escalas orientadas pelo DSM: Problemas afetivos, Problemas de ansiedade, Problemas invasivos do desenvolvimento, Problemas de déficit de atenção/ hiperatividade e Problemas de oposição e desafio. Especificamente quanto ao critério de exclusão quanto ao TDAH, este foi investigado pela escala de Problemas de déficit de atenção/hiperatividade com base na escala orientada pelo DSM. Os comportamentos podem ser classificados na categoria clínica, que corresponde a pontuações elevadas para problemas emocionais/comportamentais, enquanto o contrário se aplica à categoria não-clínica. Cada subescala apresenta um valor padrão específico. As propriedades psicométricas do CBCL ½-5 foram amplamente estudadas, cabendo destacar uma pesquisa multicultural realizada em 44 países que encontrou resultados satisfatórios quanto à adequação do instrumento (Rescorla et al., 2012). As pontuações brutas foram passadas para o SPSS (*Statistics Data Document*, versão 17.0) e posteriormente classificadas em perfis clínicos e não clínicos conforme pontos de corte específicos de cada categoria segundo a Escala de Escores para Amostras Normativas Multiculturais (Achenbach & Rescola, 2000). (Anexo C)

- *MINI Entrevista Neuropsiquiátrica Internacional* (M.I.N.I 5.0., Sheehan et al., 1998). A MINI é uma entrevista diagnóstica estruturada que explora de modo padronizado os principais transtornos psiquiátricos, com checagem de sintomas. A aplicação dura em torno de 30 minutos, e todas as perguntas são dicotômicas com uma resposta "sim" ou "não". Cada seção de diagnóstico, exceto síndromes psicóticas, tem uma ou duas questões de triagem que exploram os critérios obrigatórios, portanto, as respostas negativas a essas questões descartam necessariamente o diagnóstico. A aplicação da MINI requer um treinamento prévio para a aplicação, sendo que este treinamento foi

realizado pela psicóloga que realizou a aplicação nos pais. Os módulos permitem a divisão em seis categorias distintas de transtornos: Transtornos de Humor; Transtornos de Ansiedade; Transtorno de uso de substâncias; Transtornos Psicóticos; Transtornos Alimentares; e Transtorno de Personalidade Antissocial. A versão traduzida e validada para o português foi realizada por Amorin (2000). A aplicação e correção da MINI permitiram avaliar os transtornos dos pais e definir a participação dos pais considerando aos critérios de exclusão do presente estudo, especificamente quanto à presença de sintomas psicóticos não tratados e transtornos mentais que exigissem atenção imediata. (Anexo D)

- *Entrevista sobre o desenvolvimento da criança/4-5anos* (NUDIF/CRESCI, 2014). É uma entrevista estruturada, realizada de maneira semidirigida, composta por dez blocos de questões, cujo objetivo foi avaliar as impressões maternas e paternas sobre o desenvolvimento da criança em torno dos seguintes temas: crescimento e desenvolvimento da criança, problemas de saúde, alimentação, controle esfinteriano, cuidados de higiene pessoal, sono, choro, linguagem, brincadeiras, modo de se comportar, medos, frustrações, autonomia/dependência. Esta entrevista auxiliou na identificação de possíveis atrasos no desenvolvimento da criança, que quando presentes foram investigados e posteriormente encaminhados para atendimento especializado. (Anexo E)

- *Observação da interação pais-criança* (Bortolini & Piccinini, 2015): trata-se de uma sessão de observação da interação pai-mãe-criança, que visou investigar as práticas educativas e os comportamentos parentais e os problemas de comportamentos externalizantes da criança. A observação foi constituída por três episódios: 1) pai-mãe-criança, com duração de 20 minutos; (2) mãe-criança, com duração de 15 minutos; e (3) pai-criança com duração de 15 minutos. Durante estes episódios as mães e os pais foram solicitados a interagirem livremente com seus filhos, como fazem normalmente quando estão juntos. O pesquisador responsável acompanhou a sessão de observação através de monitores na antessala. Ao final de cada sessão, o pesquisador instruiu o genitor para que convidasse a criança para guardar os brinquedos. Segundo Patterson et al. (2006), situações de ‘estresse’, como por exemplo solicitar algo que a criança precisa fazer em um momento de descontração, estimulam a expressão de comportamentos externalizantes nas crianças, bem como situações estruturadas tendem a eliciar mais o

aparecimento de práticas educativas parentais. (Anexo F)

A sessão de observação foi realizada em uma sala de espelhos no Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS) da UFRGS. A sala tem em torno de 25m<sup>2</sup> e uma antessala de tamanho semelhante. A sala era mobilizada com um tatame de EVA colocado no centro da sala, brinquedos armazenados numa caixa transparente adequados à faixa etária dos 4 e 5 anos de idade, e duas cadeiras. Ao ingressarem na sala, as mães e os pais foram solicitados a interagirem livremente com seus filhos. A filmagem foi realizada através de três câmeras de vídeo, duas localizadas dentro da sala e uma na antessala, atrás do espelho.

Para fins de análise, como foram utilizadas três câmeras, selecionou-se as imagens de uma das câmeras, a qual tinha o melhor ângulo, compondo a versão usada para as análises da interação pais-criança. As demais imagens foram eventualmente utilizadas para esclarecer dúvidas quanto às expressões dos pais e das crianças durante as interações. Foram descritos os últimos 10 minutos de interação mãe-criança e o mesmo período de interação pai-criança, separadamente. Optou-se por considerar este intervalo, visando amenizar possíveis efeitos de familiarização com o *setting* observacional e captar o momento da guarda dos brinquedos. Para a investigação dos comportamentos maternos e paternos, a análise foi realizada com base em uma estrutura de dez categorias baseada Alvarenga, Marin e Piccinini (2003), a saber: orientação, suporte emocional, envolvimento positivo, comportamento assertivo, comportamento inadequado, comportamento coercitivo, intrusividade, permissividade, não engajamento e comportamento demandante. Detalhes de cada categoria encontra-se no Anexo G.

O procedimento de análise de cada vídeo envolveu dois momentos:

1) Primeiramente, os últimos 10 minutos de interação de cada díade (mãe-criança e pai-criança) foram descritos detalhadamente pela primeira autora e revisados cuidadosamente pela doutoranda, co-orientadora deste estudo. Seguindo Pedroso e Carvalho (2005), foram descritos em detalhes apenas os comportamentos que eram esclarecedores para a compreensão dos conteúdos investigados, excluindo-se minúcias morfológicas (ex. postura da criança, uma ação de encaixar). Na descrição foram incluídas impressões provocadas no descritor, por meio de frases como “parece que...”, “dá a impressão de que...”, “é como se...” a fim de acrescentar ‘tom’ ao conteúdo e partindo do pressuposto de que a leitura dos dados também é realizada de modo interativo com o pesquisador (Pedroso & Carvalho, 2005). Além disso, considerou-se nas descrições que as interações poderiam ocorrer através de comportamentos verbais

ou não-verbais da dupla.

2) Em um segundo momento, a descrição dos comportamentos dos pais e das crianças foi classificada utilizando-se a estrutura de categorias, baseadas em Alvarenga, Marin e Piccinini (2003) (Anexo G), acrescidas de algumas categorias que emergiram dos próprios dados, a saber, a categoria comportamento demandante. Para fins da classificação, a primeira autora e a doutoranda assistiam aos vídeos, posteriormente liam as descrições e classificavam independentemente as descrições nas categorias. Após, fazia-se a comparação das classificações e quando ocorriam discordâncias estas eram discutidas e, se necessário, trechos dos vídeos eram revistos e uma classificação comum era definida.

### **Considerações éticas**

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS (Proc. nº 1.448.528) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Proc. nº 1.658.648) e atendeu à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes do presente estudo foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa e puderam decidir livremente sobre a disponibilidade de participarem do estudo. Com isto, foi assegurada a autonomia dos participantes que quiseram participar, sendo que poderiam desistir da pesquisa em qualquer etapa da mesma. A privacidade e a confidencialidade foram asseguradas, sendo que o material obtido por meio das entrevistas e das observações foi identificado por um código e devidamente arquivado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Este estudo adotou os princípios éticos de beneficência e não maleficência, respeito e justiça sugeridos pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução Nº 466/2012). Assim, os participantes foram informados que, durante o período que eles estiveram participando das entrevistas, os riscos aos quais estariam sujeitos eram mínimos. Além disto, se o participante se sentisse desconfortável com alguma questão, este poderia optar por não responder ou deixar de participar do estudo.

### **Análise dos dados**

Com o objetivo de investigar os comportamentos e as práticas educativas de pais e mães cujos filhos apresentavam problemas de comportamento externalizante, as descrições das seções de interação, foi submetida a uma análise temática (Braun & Clarke, 2006). Tal método possibilita a identificação, a análise e o relato de padrões que

aparecem nos dados, além de permitir organizar e descrever o conjunto de dados em detalhes. Sendo assim, a análise temática pode ser guiada pelo interesse teórico ou analítico do pesquisador da área, podendo aprofundar em análise alguns aspectos dos dados. O processo de análise temática ocorre progressivamente, da descrição à interpretação dos dados, envolvendo desde a organização dos dados para mostrar padrões em conteúdo semântico, até a teorização da importância dos padrões e de seus significados. Dessa forma, há um trabalho interpretativo, que produz uma análise, que não é apenas descritiva, mas também, teórica (Braun & Clarke, 2006).

## **RESULTADOS**

Os resultados são apresentados a seguir, separadamente para cada família. Primeiramente, são expostos, resumidamente, aspectos referentes às características de cada família do estudo, como idade dos pais, escolaridade, profissão, renda familiar, os comportamentos dos filhos que mais os estavam preocupando e alguns sintomas emocional dos pais que chamaram a atenção na entrevista MINI (M.I.N.I. 5.0., Sheehan et al., 1998). Após, foram apresentados os comportamentos maternos observados na sessão de interação com a criança, e depois, os comportamentos paternos também observados na sessão de interação com o filho. Tais comportamentos durante as interações foram exemplificados através de vinhetas ilustrativas. Ainda, ao final de cada caso, foi realizada uma síntese dos comportamentos de ambos os pais.

### **Família - 1**

#### **1) Características gerais da família**

A criança tinha 5 anos e 4 meses, era do sexo masculino e estudava em uma escola pública. Na tabela abaixo são apresentadas as principais características sócio demográficas dos pais, bem como os principais sintomas de externalização percebidos pelos pais e pelas mães. Além disso, foram assinalados alguns sintomas emocionais que chamaram a atenção de ambos os pais.

**Tabela 1.1 – Características gerais da Família 1**

|   | <b>Mãe</b>  | <b>Pai</b>   |
|---|---|--|
| <b>Idade</b>  | 42 anos   | 45 anos  |
| <b>Escolaridade</b>                                 | Superior completo   | Médio completo   |
| <b>Profissão</b>                                    | Contadora   | Motorista de ambulância  |
| <b>Horas/trabalho/sem</b>                           | 40h   | 60h  |
| <b>Renda</b>  | 7 mil reais   | 4 mil reais  |
| <b>Pontuação CBCL</b>                               | 29  | 24   |
| <b>Comportamentos do filho que mais preocupavam</b> | Comportamento infantilizado; manha; desafiar limites; desobediência e dependência | Desobediência; comportamento infantilizado; não conseguir ficar muito tempo na mesma atividade e não esperar sua vez |
| <b>Sintomas parentais na MINI</b>                   | Ansiedade social; sobrepeso; cansaço frequente.                                   | Ansiedade e estresse   |

### **1.1) Práticas educativas e comportamentos maternos e paternos na observação da interação**

#### **Práticas educativas e comportamentos maternos**

Quanto aos comportamentos da mãe analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação mãe-criança, foram categorizados 68 comportamentos maternos. Dentre eles, o mais frequente foi **não engajamento** (29,41%), retratado pela descrição da interação mãe e filho quando estavam brincando de corrida de carrinhos: “*O filho olha para a mãe e pergunta: ‘Mãe, não vai pegar [o carrinho]?’ ao que ela, deitada, responde [em tom desanimado e desconectados]: ‘O que?’*, o filho fala uma segunda vez: ‘*Pega o carrinho*’, e a mãe permanece olhando para o chão deitada”. Uma segunda categoria encontrada com muita frequência foi **comportamento inadequado** (27,94%), exemplificada em um momento de escolha de brincadeira: “*O filho pergunta: ‘por que tu quer [brincar com um jogo de pecinhas]?’*. A mãe responde [em tom baixo e manhoso]: ‘*Porque eu acho legal*’. O filho diz: ‘*Mas eu quero jogar sozinho, de corrida*’... A mãe, olha para o chão [em tom de indiferença e birra] diz: ‘*Então tá*’”.

A terceira categoria mais frequente foi **intrusividade** (16,18%), exemplificada em um episódio de escolha de brincadeira: “*O filho diz: ‘eu quero brincar...’ e a mãe interrompe: ‘Eu quero aquele lá dos bichinhos, ó, que eu tinha te mostrado, de papel, que tem uma estrela do mar (...), aquele que eu te mostrei’*... O filho não atende o pedido da mãe brincando com o seu carrinho(...). A mãe segue insistindo: ‘*Aquela*

*amarela ali''*”.

Já **envolvimento positivo** (10,30%) também apareceu com certa frequência, exemplificada em um episódio de brincadeira de corrida: “*O filho se posiciona do lado da mãe e em seguida a mãe diz [animada] ‘No três hein’ incentivando o filho a iniciar a corrida*”.

Outras categorias também apareceram com menos frequência como por exemplo, **comportamento coercitivo** (4,41%) e **orientação** (4,41%). A seguinte descrição exemplifica a categoria comportamento coercitivo, quando o filho questiona a mãe sobre o que fará em seguida: “*A mãe responde, [em tom impaciente], mexendo no cabelo: ‘Não sei, guarda as coisas’*. Já a categoria orientação pode ser exemplificada por um episódio em que a díade jogava pega varetas: “*A mãe, olhando para as varetas diz [em tom de explicação]: ‘ta, não pode mexer, não pode mexer, quem mexer perde’ e segue: ‘aí tem que tirar, esses aqui são fáceis, ó. Agora mexi, agora é tua vez’*”.

Além das categorias acima, também apareceram com baixa frequência as categorias **permissividade** (2,94%), **comportamento assertivo** (2,94%) e, **suporte emocional** (1,47%). Um exemplo da categoria permissividade envolve um episódio em que o filho desafia a mãe em tom de voz alto e manhoso: “*O filho diz: ‘ai mãe!!’, a mãe não responde e permanece observando o filho*”. Já um a categoria comportamento assertivo, pode ser exemplificada pela seguinte vinheta: “*A mãe, pega os palitos do chão e fala para Bruno: ‘agora tu pode guardar’*”. Por fim, como exemplo de suporte emocional, “*A mãe fala: ‘Gostou de brincar, filho? Eu acho que tu vai brincar com o pai ainda’*”.

### **Práticas educativas e comportamentos paternos**

Quanto aos comportamentos do pai analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação pai-criança, foram categorizados 58 comportamentos paternos. Dentre eles, o mais frequente foi **envolvimento positivo** (32,76%), exemplificada pelo episódio em que pai e filho estão com carrinhos no chão e explorando a caixa de brinquedos: “*O pai olha para a caixa de brinquedos e fala [com interesse]: ‘Tem avião também?’... ‘Bah, olha, esse é legal’(...) em seguida diz [em tom de brincadeira]: ‘Eu vou pousar aqui’... ‘Com licença, você está na minha pista’*”. Com uma frequência bastante próxima aparece a categoria **não engajamento** (31,04%), exemplificada pelo episódio em que a criança está chamando o pai para a interação: “*‘Olha pai, agora ele [o caminhão] está indo sozinho’ e empurra o carrinho em*

*direção ao pai, que observa com expressão séria. O filho diz 'pega uns carrinhos lá', o pai não responde, permanecendo sentado”.*

Outras duas categorias com frequências bastante semelhantes foram as categorias de **comportamento assertivo** (13,79%), exemplificada por um momento de guardar os brinquedos: *“Vamos guardar os brinquedos mano? Abre a caixa e vai colocando”*; e **orientação** (12,07%): *“O pai diz: ‘Não, olha só, ou é jogar direitinho ou não, se não tu vai estragar o brinquedo’... ‘Se não, não vai ter pra outras crianças brincarem daí’”*. Por fim, outras três categorias com frequências menores se destacaram: **comportamento coercitivo** (5,17%), **intrusividade** (3,45%) e, **comportamento inadequado** (1,72%). A seguinte descrição exemplifica a categoria comportamento coercitivo: *“O pai diz [em tom impaciente]: ‘Tá, nós vamos jogar ou não?’*. Já, um exemplo da categoria intrusividade seria: *“[filho diz] ‘Pede o que que elas tão fazendo’ e o pai desvia o assunto: ‘nós não vamos ficar nem com a ambulância, se der um acidente? Pode ser que alguém se perca por ai, pode cair, daí a gente pega a ambulância, o que tu acha?’*, olhando para o filho.”. Por fim, a categoria comportamento inadequado tem como exemplo a seguinte descrição: *“O pai, incomodado, levanta-se e diz: ‘tu falou que era pra mim sair da área..’ e abre os braços levemente [demonstrando chateação]”*.

### **Síntese**

A Tabela 1.2, apresenta a síntese dos comportamentos maternos e paternos durante a observação da interação mãe filho e pai-filho. Os resultados revelam que, durante a interação mãe-filho, predominaram os comportamentos maternos que compreendem as categorias de não engajamento e comportamento inadequado, como por exemplo, comportamentos birrentos e manhosos da mãe. Junto destes, também foram observados, de maneira expressiva, comportamentos maternos mais intrusivos. Em contrapartida, os comportamentos apresentados com menos frequência pela mãe foram os de suporte emocional, orientação e mesmo um baixo índice de envolvimento positivo



**Tabela 1.2 – Síntese das práticas educativas e dos comportamentos maternos e paternos na interação**

| Categorias                      | Mãe   |        | Pai   |        |
|---------------------------------|-------|--------|-------|--------|
|                                 | %     | ( F )  | %     | ( F )  |
| <b>Orientação</b>               | 4,41  | ( 3 )  | 12,07 | ( 7 )  |
| <b>Suporte emocional</b>        | 1,47  | ( 1 )  | -     | ( 0 )  |
| <b>Envolvimento positivo</b>    | 10,30 | ( 7 )  | 32,76 | ( 19 ) |
| <b>Comportamento assertivo</b>  | 2,94  | ( 2 )  | 13,79 | ( 8 )  |
| <b>Comportamento inadequado</b> | 27,94 | ( 19 ) | 1,72  | ( 1 )  |
| <b>Comportamento coercitivo</b> | 4,41  | ( 3 )  | 5,17  | ( 3 )  |
| <b>Intrusividade</b>            | 16,18 | ( 11 ) | 3,45  | ( 2 )  |
| <b>Permissividade</b>           | 2,94  | ( 2 )  | -     | ( 0 )  |
| <b>Não engajamento</b>          | 29,41 | ( 20 ) | 31,04 | ( 18 ) |
| <b>Comportamento demandante</b> | -     | ( 0 )  | -     | ( 0 )  |
| <b>Total de comportamentos</b>  | 100%  | ( 68 ) | 100%  | ( 58 ) |

Por outro lado, na interação pai-filho, os comportamentos do pai que mais foram observados foram envolvimento positivo e não engajamento. Também apareceram com certa frequência, comportamento assertivo e orientação. Já, comportamentos coercitivos, inadequados e intrusivos foram os menos frequentes na interação do pai com o filho.

Em termos de semelhanças, ambos apresentaram elevada frequência de não engajamento e baixíssima frequência ou ausência de suporte emocional e permissividade. Por outro lado eles se diferenciaram bastante nas categorias comportamento inadequado e intrusividade, que foram muito mais frequentes na mãe do que com o pai. Já o pai usou muito mais orientação, envolvimento positivo e comportamento assertivo do que a mãe.

## **Família 2**

### **1) Características gerais da família**

A criança tinha 4 anos e 6 meses, era do sexo feminino e estudava em uma escola pública. Na tabela abaixo apresenta-se as principais características sócio demográficas dos pais, bem como os principais sintomas de externalização da filha percebidos pelos pais e pelas mães. Além disso, foram assinalados alguns sintomas emocionais que chamaram a atenção de ambos os pais.

Tabela 2.1 – Características gerais da família 2

|   | Mãe  | Pai   |
|---|--|---|
| <b>Idade</b>  | 35 anos  | 34 anos   |
| <b>Escolaridade</b>                                 | Superior incompleto  | Superior completo   |
| <b>Profissão</b>                                    | Técnica em secretariado  | Comerciante em mini mercado da esposa   |
| <b>Horas/trabalho/sem</b>                           | 40h  | 60h   |
| <b>Renda</b>  | 3 mil reais  | 1,5 mil reais   |
| <b>Pontuação CBCL</b>                               | 28   | 22  |
| <b>Comportamentos do filho que mais preocupavam</b> | Fala manhosa; gritos; birra excessiva; desafiadora; dificuldade em seguir regras   | Desobediente; desafiadora, tenta bater no pai e na mãe, se irrita facilmente, dificuldade de esperar  |
| <b>Sintomas na MINI</b>                             | Mãe com prévio diagnóstico de Transtorno Depressivo. Segue com sentimentos de tristeza e desmotivação. Obesidade e quando ansiosa, comia além do necessário. | Ansiedade, na relação com a esposa (medo de abandono) e em relação à filha (medo que ela se afaste quando crescer, medo de chateá-la). Obesidade. |

## 2.1) Práticas educativas e comportamentos maternos e paternos na observação da interação

### Práticas educativas e comportamentos maternos

Quanto às práticas educativas e aos comportamentos da mãe analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação mãe-criança, foram identificados e categorizados 52 comportamentos maternos associados a práticas educativas. Destes, o mais frequente foi **envolvimento positivo** (30,16%), como na seguinte descrição: “*A dupla está brincando de desenhar num pequeno quadro negro. A filha diz [em tom empolgado]: ‘Agora você mãe!’*, ao que a mãe responde, também empolgada e olhando para a filha: ‘*Eu?! Vou fazer o do coelhinho da páscoa, pode ser?’*”. A segunda categoria mais frequente foi **comportamento assertivo** (17,31%) como na seguinte descrição: “[*cai um brinquedo e a filha faz manha*]. *E a mãe fala [em tom de instrução]: ‘O que que a mãe sempre diz? Deixou cair, ajunta’.*”

Outras duas categorias que também se destacaram foram: **comportamento demandante** (11,54%) e **não engajamento** (9,62%). Um exemplo de comportamento demandante pode ser visto na descrição de um momento em que mãe e a filha estão brincando: “*Mãe diz olhando para a filha: ‘Mas quando é tua vez de cuidar é tua vez, tu não pode mandar pra outro lugar’ [em tom de repreensão e crítica]*”; enquanto um

exemplo de não engajamento, seria no momento de outra brincadeira: “*A menina diz: ‘Então eu vou contar uma história de terror, tá mãe?’ A mãe não responde e a menina logo segue: ‘Eu vou contar uma história de terror que eu sou a aranha, tá mãe?’*, a mãe não responde e depois de um instante diz: *‘Dá um pedaço [do biscoito que a filha está comendo]’*”.

Outras categorias também apresentaram certa frequência como **orientação** (7,69%) e **suporte emocional** (7,69%). Um exemplo da categoria orientação, seria no momento de guardar os brinquedos: “*A mãe olha pra filha e diz, calmamente: ‘Assim, ó, agora nós vamos guardar, tu vai brincar com o pai, depois vocês vão pra casa e depois da aula a mãe chega em casa.’*”. E a categoria suporte emocional pode ser exemplificada pela descrição do momento em que a mãe está contando histórias à filha: “*A mãe diz [em tom de acalmá-la], olhando para baixo: ‘Não, a mãe não conta história de terror’.*”

Por fim, algumas categorias tiveram baixa frequência, como por exemplo: **comportamento inadequado** (5,77%), **comportamento coercitivo** (5,77%); **intrusividade** (1,92%) e **permissividade** (1,92%). Por exemplo, com relação a categoria comportamento inadequado, pode-se destacar a descrição do momento em que a dupla está brincando de contar histórias, e a filha termina a sua e refere não ter outra para contar: “*A mãe olha para a filha, encosta a cabeça no ombro e diz: ‘Então tá...’, [em tom de desapontamento]*”. Já a categoria comportamento coercitivo, pode ser exemplificada pelo momento em que a filha, na hora de ir embora, joga os tênis no chão: “*A mãe chama a atenção: ‘Mas tu vai jogar assim?’ [em tom de repreensão]*”. Em relação a categoria intrusividade, pode-se destacar o momento em que a filha, após ouvir uma história da mãe, está contando a sua própria: “*A mãe pergunta, interrompendo: ‘E o sol?’*”. Por fim, a categoria permissividade, pode ser exemplificada, pelo momento em que a filha não quer guardar os brinquedos e chuta a parede e a mãe diz: “*Ó filha não é pra chutar [em tom indiferente e permissivo]*”.

### **Práticas educativas e comportamentos paternos**

Quanto aos comportamentos do pai analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação mãe-criança, foram identificados e categorizados 81 comportamentos associados a práticas educativas. Entre esses destaca-se o **comportamento assertivo** (29,69%), que teve a maior frequência, e pode ser exemplificado por um momento em que a filha está falando mais alto: “*O pai diz ‘só*

não grita' [em tom mais sério]". Outras duas categorias que também se destacaram foram **envolvimento positivo** (23,45%) e **orientação** (23,45%). Como exemplo de envolvimento positivo, pode-se destacar o momento em: "O pai diz, em tom de brincadeira, como se fosse o boneco: "eu vou embora" e a menina vai atrás do movimento do pai, que foge com o boneco e diz: "tu não vai me pegar!!" e brinca fugindo com o boneco nas costas da filha". Para exemplificar a categoria orientação, destaca-se a seguinte descrição de um momento de brincadeira: "O pai pergunta [instigando], 'aquí tem uma estrela?' (...) e segue: 'aonde que tem uma tartaruga?' (...) e o pai diz: 'acho que tem que tentar outra, olha direitinho o desenho aqui'".

Outras categorias também apareceram com menos frequência: **permissividade** (11,11%), **suporte emocional** (9,88%); e **comportamento inadequado** (7,41%). A seguinte descrição exemplifica a categoria permissividade, na qual a filha está deitada, fazendo birra: "O pai dá uma mão para a filha que diz: 'as duas!!'[em tom brabo e de ordem]. O pai, rapidamente acata: 'as duas, tá bom' e levanta a filha.". Já a descrição seguinte exemplifica a categoria suporte emocional: "O pai observa algum movimento da filha e pergunta: 'tu quer fazer xixi?'". Por fim, a categoria comportamento inadequado é exemplificada pela descrição do momento em que filha se nega a guardar os brinquedos: "O pai olhando para a menina [em tom de voz baixo e de brincadeira] fala: 'filha, vamos guardar os brinquedos agora'".

### Síntese

A Tabela 2.2 apresenta a síntese das práticas educativas e dos comportamentos maternos e paternos durante a observação da interação mãe-filha e pai-filha. Os resultados revelam que, ao longo da interação mãe-filha, predominaram as práticas e os comportamentos maternos que compreendem as categorias de envolvimento positivo e comportamento assertivo. Junto destes, também foram observados, de maneira expressiva, comportamentos maternos demandantes e de não engajamento. Em contrapartida, as categorias de comportamento inadequado, comportamento coercitivo, intrusividade e permissividade foram apresentados com menor frequência pela mãe.

**Tabela 2.2 – Síntese das práticas educativas e comportamentos maternos e paternos na interação**

| Categorias                      | Mãe   |       | Pai   |       |
|---------------------------------|-------|-------|-------|-------|
|                                 | %     | ( F ) | %     | ( F ) |
| <b>Orientação</b>               | 7,69  | ( 4 ) | 23,46 | (19)  |
| <b>Suporte emocional</b>        | 7,69  | ( 4 ) | 9,88  | ( 8 ) |
| <b>Envolvimento positivo</b>    | 30,71 | (16)  | 23,45 | (19)  |
| <b>Comportamento assertivo</b>  | 17,31 | ( 9 ) | 24,69 | (20)  |
| <b>Comportamento inadequado</b> | 5,77  | ( 3 ) | 7,41  | ( 6 ) |
| <b>Comportamento coercitivo</b> | 5,77  | ( 3 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Intrusividade</b>            | 1,92  | ( 1 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Permissividade</b>           | 1,92  | ( 1 ) | 11,11 | ( 9 ) |
| <b>Não engajamento</b>          | 9,62  | ( 5 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Comportamento demandante</b> | 11,54 | ( 6 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Total de comportamentos</b>  | 100%  | (52)  | 100%  | (81)  |

Com relação ao pai, na interação pai-filha, as práticas educativas e os comportamentos que mais foram observados foram comportamento assertivo, envolvimento positivo e orientação. Também apareceram com expressiva frequência comportamentos permissivos. Em menor frequência, foram observados comportamentos inadequados e de suporte emocional. Nesse sentido, parece que os comportamentos paternos foram mais permissivos que os maternos, os quais apresentaram, com certa frequência, mais demandas e foram mais críticos.

Em termos de semelhança, tanto a mãe quanto o pai apresentaram elevada frequência de envolvimento positivo e comportamento assertivo. Por outro lado eles se diferenciaram bastante na categoria não engajamento e comportamento demandante, muito mais usada pela mãe do que pelo pai. Já o pai, utilizou-se muito mais das categorias orientação e permissividade do que foram usadas pela mãe.

### **Família 3**

#### **1) Características gerais da família**

A criança tinha 5 anos e 6 meses, era do sexo masculino e estudava em creche particular. Na tabela abaixo apresenta-se as principais características sócio demográficas dos pais, bem como os principais sintomas de externalização percebidos pelos pais e pelas mães. Além disso, foram assinalados alguns sintomas emocionais que chamaram a atenção em ambos os pais.

**Tabela 3.1 – Características gerais da família 3**

|   | <b>Mãe</b>   | <b>Pai</b>   |
|---|--|--|
| <b>Idade</b>  | 42 anos  | 45 anos  |
| <b>Escolaridade</b>                                 | Superior completo  | Superior incompleto  |
| <b>Profissão</b>                                    | Assistente administrativa  | Técnico em eletrônica  |
| <b>Horas/trabalho/sem</b>                           | 40h  | 40h  |
| <b>Renda familiar</b>                               | 9 mil  |  |
| <b>Pontuação CBCL</b>                               | 26   | 26   |
| <b>Comportamentos do filho que mais preocupavam</b> | Bater nos colegas e professores, bater nos pais, dificuldade de ser contrariado, explosivo, desafiador, sempre quer ficar em casa, aflito quando separado dos pais, impaciente | Difícil de ser contrariado; teimoso; bravo; explosivo; agitado; quer tudo imediatamente; desafiador; fácil de se irritar; quer muita atenção |
| <b>Sintomas na MINI</b>                             | Cansaço, desânimo ao acordar, ansiedade em dar conta de muitas demandas, sobrecarregada.   | Características narcisistas, perfeccionista e exigente, “homem difícil e com personalidade forte”, ansioso em situações sociais.             |

### 3.1) Práticas educativas e comportamentos maternos e paternos na observação da interação

#### Práticas educativas e comportamentos maternos

Quanto aos comportamentos da mãe identificados e analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação mãe-criança, foram categorizados 54 comportamentos associados a práticas educativas. Destes, o mais frequente foi *envolvimento positivo* (50%), exemplificado pela seguinte descrição, na qual o filho está explorando um saquinho com bonecos: “*A mãe observando diz: ‘o que é isso? Que legal filho!’ [em um tom de voz animado]*”. A segunda categoria mais frequente foi *não engajamento* (16,66%), como na descrição em que a mãe está mexendo nos brinquedos e o filho mostra, empolgado, outros brinquedos para a mãe, o filho diz: “*Muitos soldados! Vamos fazer uma guerra de soldados?’[em tom animado]*. A mãe não responde e segue organizando os soldados por cor”. Junto dessas categorias, a terceira com maior frequência foi *orientação* (14,81%), que pode ser exemplificada pela descrição do momento de guardar os brinquedos: “*A mãe diz: ‘Não, não é solto que a gente coloca os soldadinhos, pega aqui o saquinho, senão fica tudo solto para as outras*

*crianças brincarem depois”*’.

Outra categoria que se destacou foi **intrusividade** (12,96%), como por exemplo, na descrição de uma brincadeira: *“O filho separa os soldadinhos para a mãe passar com o caminhão entre eles, conforme ela havia mostrado, a mãe fala: ‘não põe tão junto né, ai o caminhão não entra!’ [em tom mais crítico]”*. Além destas categorias, outras três categorias apareceram com baixa frequência: **comportamento assertivo** (1,85%), **comportamento inadequado** (1,85%) e **permissividade** (1,85%). A descrição do momento de guardar os brinquedos exemplifica a categoria comportamento assertivo: *“A mãe diz [em tom firme]: ‘Pega a vovó e coloca aqui”*. A categoria comportamento inadequado, por sua vez, tem como exemplo a descrição de uma brincadeira com carrinhos: *“Filho fala: ‘Tá começa, tira o pé mãe, vai mais pra lá’ [em tom bravo] (...) e a mãe diz: ‘aaai, não fala assim’, [com tom de voz baixo/brando] fazendo um esforço para mover as pernas para o lado”*. Por fim, a categoria permissividade é exemplificada pela descrição do momento em que o filho fala alto e pega o brinquedo que está na mão da mãe: *“O filho diz: ‘o mãe!’ [em tom de voz alto] e faz um gesto de pegar o brinquedo da mão da mãe, que rapidamente o solta, para o filho, olhando para o mesmo sorrindo levemente”*.

### **Práticas educativas e comportamentos paternos**

Quanto às práticas educativas e comportamentos do pai analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação pai-criança, foram categorizados 72 comportamentos associados às práticas educativas. Destes, o mais frequente foi **comportamento coercitivo** (20,83%), caracterizado pela descrição do momento em que pai e filho estavam jogando uma bolinha um no outro e o pai começa a jogar com mais força: *“O filho deita no chão e se protege colocando a cabeça entre os braços (...) gritando: ‘para! Seu feioso’, ao que o pai responde: ‘olha..’ [em tom de repreensão] e jogando a bolinha no rosto do pai”*. A segunda categoria mais frequente foi **orientação** (19,44%): *“O pai vai repetindo o que o filho diz. ‘tá direitinho? Fecha o saquinho, fecha o saquinho para as outras crianças brincarem”*. O filho segue as instruções dadas pelo pai e o mesmo fala *‘não faltou nada?’*. Além destas, outras duas categorias foram encontradas com igual frequência: **não engajamento** (16,66%) e **comportamento demandante** (16,66%). A categoria não engajamento pode ser exemplificada pela descrição do momento em que o filho está com um boneco na mão, mostrando-o para o pai, o filho diz: *“‘Caiu até a cabeça... papai é um homem tartaruga’, e eleva o boneco*

na altura do rosto do pai, o pai olha brevemente e olha para baixo, o filho e diz novamente: ‘Homem tartaruga’ o pai dá um leve sorriso olhando para o chão, o menino deita-se um pouco no chão e o pai observa”, e a categoria comportamento demandante pela descrição da cena em que o filho está dizendo para o pai que não gostou de uma brincadeira e passa uma ambulância na rua, com a sirene ligada e o pai diz: “‘Ó, a polícia ou a ambulância... que som é esse?’ [sério e questionando] o filho levanta o tronco para ouvir o som e diz: ‘Polícia’, e o pai fala: ‘Como é que tu sabe?’ [em tom crítico], e o filho fala: ‘Porque faz ió ió’, e o pai fala: ‘Hã?’ [em tom crítico] e o filho diz gaguejando: ‘sabe como faz a a a a a polícia... como faz a voz da sirene da polícia..’; e o pai interrompe e pergunta: ‘como faz?’ [em tom crítico] e o filho fala [baixo]: ‘ió ió, é.. é isso’ e o pai volta a quicar a bola no chão com força e diz: ‘para mim não era polícia’ [em tom crítico]”. Outra categoria encontrada foi **comportamento inadequado** (12,5%), representada pela seguinte descrição do momento em que o pai joga uma bolinha no filho diversas vezes: “O filho segue deitado no chão de lado se contorcendo encolhido, de frente para o pai. Até que o pai joga a bola na barriga dele, rindo”. A categoria **envolvimento positivo** (9,72%) também foi encontrada, sendo exemplificada pela descrição do episódio em que o pai encontra um boneco na caixa de brinquedos e mostra para o filho: “O pai pega um boneco e diz: ‘olha, tá gordinho, não consegue ficar sentado: ó ó.. e essa tá fraquinha, não consegue ficar de pé’ e encena suas falas (...). ‘Não consegue nem ficar de pé’, repete o pai, rindo e jogando levemente os bonecos no rosto de”.

Por fim, outras duas categorias estiveram presentes, em menor frequência: **intrusividade** (2,77%) e **comportamento assertivo** (1,38%). Para exemplificar a categoria intrusividade, a descrição do momento em que o pai está batendo de leve com uma bolinha no filho: “O filho se vira e diz: “não bota a bola” [em tom mais chateado] tentando se desvencilhar. O pai segue passando a bola pelo pescoço do filho, que se contorce um pouco, como se estivesse com cócegas”. E como exemplo da categoria comportamento assertivo, a descrição do momento em que o filho fala gritando: “O pai fala em tom sério ‘sem grito’”.

## Síntese

A Tabela 3.2 apresenta a síntese das práticas educativas e dos comportamentos maternos e paternos durante a observação da interação mãe-filha e pai-filha. A partir de tais resultados, obtava-se que a mãe, na interação com o filho, teve alta frequência de



comportamentos de envolvimento positivo comportamentos de não engajamento, de orientação e intrusividade. Por fim apareceram com baixa frequência os as categorias de comportamento assertivo, comportamento inadequado e permissividade.

**Tabela 3.2 – Síntese dos comportamentos maternos e paternos na interação**

| Categorias                      | Mãe   |       | Pai   |       |
|---------------------------------|-------|-------|-------|-------|
|                                 | %     | ( F ) | %     | ( F ) |
| <b>Orientação</b>               | 14,81 | ( 8 ) | 19,44 | (14)  |
| <b>Suporte emocional</b>        | -     | ( 0 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Envolvimento positivo</b>    | 50,00 | (27)  | 9,72  | ( 7 ) |
| <b>Comportamento assertivo</b>  | 1,85  | ( 1 ) | 1,38  | ( 1 ) |
| <b>Comportamento inadequado</b> | 1,85  | ( 1 ) | 12,5  | ( 9 ) |
| <b>Comportamento coercitivo</b> | -     | ( 0 ) | 20,83 | (15)  |
| <b>Intrusividade</b>            | 12,96 | ( 7 ) | 2,77  | ( 2 ) |
| <b>Permissividade</b>           | 1,85  | ( 1 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Não engajamento</b>          | 16,66 | ( 9 ) | 16,66 | (12)  |
| <b>Comportamento demandante</b> | -     | ( 0 ) | 16,66 | (12)  |
| <b>Total de comportamentos</b>  | 100%  | (54)  | 100%  | (72)  |

O pai, por sua vez, na interação com o filho, apresentou mais comportamentos coercitivos e de orientação. Além destes, ele também apresentou uma frequência importante de comportamentos demandantes, seguidos de comportamentos inadequados. Com uma baixa frequência, também apareceram comportamentos intrusivos e assertivos.

Em termos de semelhança, tanto a mãe quanto o pai apresentaram práticas educativas relacionadas aos comportamentos de orientação e de não engajamento. Por outro lado, eles se diferenciaram bastante nas categorias de envolvimento positivo e intrusividade, muito mais apresentadas pela mãe do que pelo pai. Este por sua vez, apresentou mais comportamentos coercitivos, demandantes e inadequados, que a mãe na interação com o filho.

#### **Família 4**

##### **1) Características gerais da família**

A criança tinha 5 anos e 3 meses, era do sexo feminino e estudava em creche particular. Na tabela abaixo foram salientadas as principais características sócio demográficas dos pais, bem como os principais sintomas de externalização percebidos

pelos pais e pelas mães. Além disso, foram assinalados alguns sintomas emocionais que chamaram a atenção de ambos os pais.

**Tabela 4.1 – Características gerais da Família 4**

|   | <b>Mãe</b>   | <b>Pai</b>  |
|---|--|---|
| <b>Idade</b>  | 29 anos  | 34 anos   |
| <b>Escolaridade</b>                                 | Médio incompleto   | Médio completo  |
| <b>Profissão</b>                                    | -não trabalhava  | Trabalhava com seu pai em empresa/captador de jogadores de futebol  |
| <b>Horas/trabalho/sem</b>                           | -  | 60h   |
| <b>Renda</b>  | -  | 8 mil   |
| <b>Pontuação CBCL</b>                               | 35   | 35  |
| <b>Comportamentos do filho que mais preocupavam</b> | Muito choro para ganhar as coisas; enfrenta muito (ex.:, “eu vou sair de casa para eu mandar em mim”; “eu vou destruir a nossa família”); fica desesperada com a separação dos pais; desobediente; finge que não escuta; faz muita birra.  | Muito agitada; se irrita facilmente; briga com colegas (ex, empurra colegas, atira coisas nos colegas); desafiadora; muita manha; muito vaidosa; fica muito aflita com a separação dos pais |
| <b>Sintomas parentais na MINI</b>                   | Irritada e sem paciência (ex.:; parou de amamentar no primeiro mês da filha porque não tinha mais paciência). Alguns sintomas que caracterizam o Transtorno do Cluster B (menciona alguns sintomas). Uso de maconha diário (1 cigarro/dia) e usou cocaína com o marido duas vezes no último ano. | Ansiedade generalizada, apresentando muita ansiedade e agitação. Consumo excessivo de bebida alcoólica nos finais de semana, uso de cocaína uma vez por mês                                 |

#### **4.1) Práticas educativas e comportamentos maternos e paternos na observação da interação**

##### **Práticas educativas e comportamentos maternos**

Quanto aos comportamentos da mãe analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação mãe-criança, foram categorizados 65 comportamentos. Destes, o mais frequente foi *envolvimento positivo* (49,23%), sendo exemplificado pela descrição de um momento de brincadeira: “A mãe diz, mexendo seu fantoche atrás da caixa: ‘cadê todo mundo? Deixa eu ver todo mundo!’ e a menina

responde: *‘não tem ninguém aqui’*; a mãe segue [em tom lúdico] olhando para a filha: *‘acho que tem gente que quer brincar comigo, que quer conversar comigo..’*”. A segunda categoria mais frequente na observação foi **comportamento inadequado** (26,15%), representada pela descrição de um momento em que a filha não quis brincar: *“A mãe segue falando: ‘Ah, viu como tu é.. não quer brincar, não quer conversar, vou pegar outros amiguinhos então’ [em tom de depreciação e ameaça]”* Como terceira categoria mais frequente, identificou-se a categoria **não engajamento** (10,77%), que tem como exemplo a descrição do momento em que a filha está arrumando os bonecos para uma foto: *“A filha olha para a mãe e diz: ‘esse não para quieto’. A mãe responde: ‘deixa ela assim, ela não vai ficar’ [em tom desinteressado]”*.

Ao longo da observação, outras três categorias foram identificadas, em menor frequência: **orientação** (7,69%), **comportamento assertivo** (4,61%) e **permissividade** (1,54%). A categoria orientação tem como exemplo a descrição do momento de guardar os brinquedos: *“A mãe fala: ‘Fecha a caixinha agora para o pai vir aqui brincar contigo’*”; já a categoria comportamento assertivo, é exemplificada pela descrição do momento em que a dupla recebe a instrução de guardar os brinquedos: *“Quando a pesquisadora sai, a mãe muda um pouco de semblante, ficando um pouco mais séria, levanta-se e diz para a filha, em tom mais baixo: ‘vamos guardar filha?..’ e direciona-se para a caixa de brinquedos”*.; e, por fim, a categoria permissividade tem como exemplo a descrição da cena em que a filha bateu no boneco que estava brincando: *“A menina justifica-se: ‘não, eu quis pegar na mão dela.. vem comigo’ e arranca o boneco da mão da mãe, que permite.”*.

### **Práticas educativas e comportamentos paternos**

Quanto aos comportamentos do pai analisados nos últimos 10 minutos da sessão de observação da interação pai-criança, foram identificados 86 comportamentos. Destes, o mais frequente foi **comportamento inadequado** (34,88%), sendo exemplificado pela descrição de uma cena em que pai e filha estão brincando: *“A filha, [parecendo indignada] fala [em tom manhoso]: ‘Encostou pai, faz tempo!’*, o pai diz sem olhar para a menina [com tom birrento]: *‘Para filha, deixa de ser assim, não encostou... o outro tá balançando ali ó, eu to tirando normal aqui ó’* e segue tirando, olhando para o jogo”. A segunda categoria mais frequente foi **orientação** (18,6%), como na descrição de outro momento de brincadeira: *“A filha organiza as varetas e o pai observa e diz [em tom tranquilo]: ‘tem que ser num chão duro, ó, esse aqui balança’, fazendo força*

*contra o tatame para mostrar para a filha que o mesmo não é tão firme.”*

Além destas categorias, **não engajamento** (16,28%) também se destacou como terceira mais frequente, como na descrição da cena em que a filha explorou a caixa de brinquedos e encontrou fantoches: *“Ela [a filha] pega dois fantoches, vira-se para o pai e diz: ‘conta uma história?’ e larga o fantoche na frente do pai. O mesmo não dá atenção ao que a filha pede, termina de guardar a caixa das varetas, faz o movimento de levantar-se, uma vez que estava debruçado no chão”*. Outra categoria foi **envolvimento positivo** (13,95%), sendo exemplificada pela descrição do momento em que a filha estava explorando a caixa de brinquedos e encontrou alguns bonecos, a filha diz: *“Vamos brincar de bonecos?”*, e o pai diz: *‘vamos.. pera ai, deixa eu guardar aqui’ observando que a filha já está mexendo na caixa*. Além destas, a categoria **comportamento coercitivo** (9,3%) também foi identificada, tendo como exemplo a descrição da cena em que a dupla estava jogando pega varetas e o pai sinalizou que a filha estaria roubando: *“A filha insiste: ‘eu não vou roubar’ [parecendo mais ansiosa] e o pai fala: ‘pega outro brinquedo, tu não sabe brincar’ [em tom ríspido]”*.

Outras duas categorias foram identificadas frequência: **comportamento assertivo** (2,32%) e **intrusividade** (2,32%). A primeira tem como exemplo a descrição de um momento de brincadeira: *“A filha encosta e percebe, e o pai também, que diz, já ajuntando as peças: ‘deu deu, agora chega’, percebendo que a filha pegara várias varetas”*; e, a segunda, intrusividade, pode ser exemplificada pela descrição de uma cena na qual a filha pediu que o pai contasse uma história: *“O pai não responde e tenta alcançar a caixa que a menina está mexendo e tenta propor outra brincadeira: ‘deixa eu ver, vamos brincar com aquele de montar?’”*.

Por fim, as categorias **suporte emocional** (1,16%) e **permissividade** (1,16%) também apareceram com baixa frequência. A categoria suporte emocional tem como exemplo a seguinte descrição: *“Tu gosta de lego filha?”*; e a categoria permissividade é exemplificada pela descrição de um momento de término de brincadeira: *“O pai vai juntando as varetas, e a filha logo vai tentando pegar as varetas [impaciente] da mão do pai dizendo ‘Eu!’ [em tom de ordem] e o pai deixa ela pegar as varetas.”*

## Síntese

A Tabela 4.2 apresenta a síntese das práticas educativas e dos comportamentos maternos e paternos durante a observação da interação mãe-filha e pai-filha. Como pode ser visto, a mãe, ao longo da interação com a filha apresentou mais comportamentos

associados as categorias de envolvimento positivo e comportamento inadequado, seguido de não engajamento. As categorias menos frequentes na interação mãe-filha foram as que englobam comportamento assertivo e permissividade.

**Tabela 4.2 – Síntese das práticas educativas e comportamentos maternos e paternos na interação**

| Categorias                      | Mãe   |       | Pai   |       |
|---------------------------------|-------|-------|-------|-------|
|                                 | %     | ( F ) | %     | ( F ) |
| <b>Orientação</b>               | 7,69  | ( 5 ) | 18,6  | (16)  |
| <b>Suporte emocional</b>        | -     | ( 0 ) | 1,16  | ( 1 ) |
| <b>Envolvimento positivo</b>    | 49,23 | (32)  | 13,95 | (12)  |
| <b>Comportamento assertivo</b>  | 4,61  | ( 4 ) | 2,32  | ( 2 ) |
| <b>Comportamento inadequado</b> | 26,15 | (17)  | 34,88 | (30)  |
| <b>Comportamento coercitivo</b> | -     | ( 0 ) | 9,3   | ( 8 ) |
| <b>Intrusividade</b>            | -     | ( 0 ) | 2,32  | ( 2 ) |
| <b>Permissividade</b>           | 1,54  | ( 1 ) | 1,16  | ( 1 ) |
| <b>Não engajamento</b>          | 10,77 | ( 7 ) | 16,28 | (14)  |
| <b>Comportamento demandante</b> | -     | ( 0 ) | -     | ( 0 ) |
| <b>Total de comportamentos</b>  | 100%  | (65)  | 100%  | (86)  |

O pai, por sua vez, apresentou uma maior frequência de comportamentos inadequados. Junto destes, também foram frequentes comportamentos de orientação e de não engajamento, seguidos de comportamentos de envolvimento positivo e comportamentos coercitivos. Em menor frequência apareceram os comportamentos que envolvem as categorias de suporte emocional e permissividade.

Em termos de semelhança, tanto a mãe quanto o pai apresentaram alta frequência de comportamentos inadequados e de não engajamento. Por outro lado, ambos apresentaram baixíssima frequência ou ausência de suporte emocional, intrusividade, permissividade e comportamento demandante. Já a mãe, mais do que o pai apresentou alta frequência em envolvimento positivo. Este, por sua vez, apresentou mais comportamentos coercitivos e de não engajamento do que a mãe na interação com a filha.

## DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo investigar as práticas educativas e os comportamentos de pais e mães cujos filhos pré-escolares apresentavam problemas de comportamento externalizantes. Como já exposto anteriormente, a maneira como os pais agem e educam seus filhos tem grande impacto no desenvolvimento destes, uma vez que práticas educativas parentais inadequadas, como por exemplo, a coerção, e a falta de envolvimento positivo, podem afetar a relação pais-mãe-filho e promover o desenvolvimento de estratégias regulatórias inadequadas da criança, como a manifestação dos comportamentos de externalização (Patterson et. al, 1992). Além disso, crianças em idade pré-escolar se constituem como uma faixa etária importante no estabelecimento dos problemas de comportamento, já que é por volta dessa etapa do desenvolvimento que se estabelece importantes aspectos da competência social e socialização da criança (Oliveira et al., 2007)

Os resultados encontrados no presente estudo contribuem para a compreensão da manifestação dos problemas de comportamentos externalizantes em crianças pré-escolares. As análises das observações revelaram a presença de práticas educativas e de comportamentos parentais que a literatura tem descrito como associados aos comportamentos de externalização em crianças pequenas e que serão retomadas abaixo.

Os resultados do presente estudo revelaram a presença de comportamentos parentais coercitivos, intrusivos, inadequados e permissivos na interação com o filho. Tais dados corroboram em boa parte com a literatura que referencia a presença desses comportamentos em pais cujos filhos apresentam problemas de externalização (Alvarenga, 2004; Bailey Oesterle & Hawkins, 2009; Capaldi, Chamberlain & Patterson, 1997; Lins, Alvarenga, Paixão, Almeida & Costa, 2012; Mondin, 2008; Oliveira, Frizzo & Marin, 2000; Pacheco, 2004). Além disso, os resultados auxiliam na compreensão de que nas dinâmicas parentais, mesmo diante da presença de comportamentos parentais com caráter protetivo como interações com trocas afetivas, a presença de comportamentos parentais de risco, mesmo com menor incidência em alguns casos, podem ter sido significativos para influenciar no desenvolvimento e permanência dos comportamentos externalizantes nos filhos. Os resultados também vão ao encontro da literatura ao mostrar que os comportamentos de um dos pais, por vezes tenta compensar os comportamentos do outro, e isto tende, a impactar negativamente no desenvolvimento social da criança (Parke et. al, 2005). Abaixo estas relações foram melhor discutidas com amparo da literatura.

Mais especificamente acerca das práticas educativas e dos comportamentos parentais, os resultados revelaram que para algumas mães predominou a categoria envolvimento positivo (Família 2, 3 e 4) assim como para alguns pais (Família 1 e 2). Tal categoria aborda comportamentos parentais de trocas positivas e afetivas com o filho, estando ambos conectados mutuamente às suas demandas e objetivos. De acordo com Pacheco (2004), a afetividade, que não se constitui propriamente como uma prática, mas mais como uma atitude, é entendida como um fator de grande importância na relação entre pais e filhos. Da mesma forma, no trabalho de McLoyd e Smith (2002), os resultados apontaram que o afeto, juntamente com o suporte emocional materno seriam fatores protetivos no que concerne aos problemas de comportamento. Ademais, tal afeto possibilita que a criança tenha mais habilidades reguladoras adaptativas e assim, uma maior motivação para seguir as solicitações parentais (Cunningham et al., 2009; Eiden, Edwards & Leonard, 2007; Wilson & Durbin, 2012).

Os resultados encontrados no presente estudo, com relação ao envolvimento positivo, permitem refletir sobre o fator de proteção das trocas afetivas quando presentes. Entretanto, quando junto com outros comportamentos parentais de risco, podem não ser suficientes para proteger os filhos do desenvolvimento de comportamentos externalizantes. Da mesma forma, a falta de afetividade pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos mais agressivos (Capaldi, 1991), principalmente quando a mesma vem acompanhada por alguma medida coercitiva ou punitiva (Grusec & Lytton, 1998; Chang & Sameroff, 2011). Neste sentido, a menor incidência de trocas afetivas e o maior uso da coerção presente nos pais das Famílias 3 e 4, e na mãe da Família 1 corroboram com esta literatura.

Apesar de presente, a categoria comportamento assertivo não foi muito frequente nos quatro casos do presente estudo, salvo na mãe e pai da Família 2. Pode-se pensar que o fato de os pais não conseguirem dar comandos ou limites assertivos, tende a contribuir para que os filhos tenham dificuldade de regular seu comportamento e assim tenham atitudes mais agressivas ou negativas. De acordo com a literatura (Alvarenga, 2004), comportamentos assertivos são associados a uma diminuição dos comportamentos externalizantes nos filhos, juntamente com comportamentos de orientação, uma vez que os pais tenderiam, então, a explicar de forma assertiva e clara os motivos ou razões pelas quais estão dando determinada ordem ou comando. Dessa forma, a relação entre respostas positivas dos filhos para os comandos parentais aponta para a importância da utilização de estratégias que estimulem a conquista da cooperação

da criança (Alvarenga, 2004). Estes comportamentos assertivos e de orientação dos pais, tendem a contribuir para que os filhos obedeçam e especialmente, que compreendam a necessidade de mudança de seus comportamentos.

Também chamou atenção o fato de que a categoria suporte emocional também não se fez muito presente neste estudo, tanto nas mães como nos pais do presente estudo. De acordo com Alvarenga (2004), o suporte emocional seriam manifestações de atenção, cuidado e consideração em relação às necessidades e desejos do filho quanto este os manifesta de forma assertiva. Tal prática tenderia a autorizar a autonomia da criança (Alvarenga, 2004), o que, de acordo com Denham & cols., (1991) se relaciona ao desenvolvimento da competência social. Uma hipótese a ser pensada é que ao longo de 10 minutos, não houve situações suficientes para que os pais precisassem auxiliar a criança em relação aos seus sentimentos e emoções. Por outro lado, ao se pensar que a categoria não engajamento foi bastante frequente em algumas das famílias deste estudo (Famílias 1, 3 e 4), é possível que se entenda que os pais poderiam, de fato, estar com mais dificuldade de se conectarem aos sentimentos dos filhos. Alguns genitores apresentaram considerável presença de não engajamento, como as mães das Famílias 1 e 3, os pais das famílias 1, 3 e 4, ou seja, estes resultados corroboram com a literatura, ao salientar que pais distantes e pouco envolvidos emocionalmente tendem a não atender os filhos afetivamente, e isto tende a gerar sentimentos nos filhos de rejeição e isolamentos, os quais, segundo Patterson et al (1992) tendem a estar associados a crianças com problemas de comportamento externalizantes. Junto disso, segundo o estudo de Stormshak (2000), tal comportamento parental, pode levar a déficits iniciais no envolvimento com o filho podendo, então serem críticos para o desenvolvimento e a manutenção dos comportamentos externalizantes. Nesse sentido, observou-se no presente estudo que, quando as crianças sentiam menos vinculação utilizavam comportamentos coercitivos como birras, inadequações e manhas para ter, possivelmente mais atenção, carinho e afeto.

Outra prática educativa parental relevante para os problemas de externalização e que chamou atenção pela sua frequência foi a coerção expressa particularmente pelo pai da Família 3 e 4 e com menor prevalência, no pai da Família 1, e nas mães da Família 1 e 2. De acordo com o estudo de Marin (2009), que verificou a estabilidade e a mudança das práticas educativas parentais aos 24, 36 e 72 meses de vida da criança, as práticas coercitivas foram as que se mantiveram mais estáveis ao longo desse período. Assim, a literatura (Catania, 1999; Patterson et al, 2000), aponta também para a relação entre o



agravamento de um padrão inadequado do filho e o uso de práticas parentais coercitivas. Nesse sentido, Catania (1999) propõe que, possivelmente crianças que desafiam os pais até serem punidas, após a punição recebem a atenção de pais arrependidos, sendo que tal atenção pode vir a ser um reforçador, na medida em que a criança tenha pouco acesso a esta. Assim, o autor explica que esse efeito reforçador suprime a punição, podendo então explicar o agravamento do quadro desafiador da criança.

Juntamente com as categorias já propostas na literatura, a partir dos dados obtidos no presente estudo, emergiu a categoria comportamento demandante, a qual foi definida como englobando atitudes, verbalizações e gestos parentais em tom mais crítico e exigente em relação às falas, brincadeiras e comportamento das crianças. A mãe da Família 2 e o pai da Família 3 apresentaram frequência importante nesta categoria. Notou-se nas observações que, o comportamento demandante, quando presente, desencadeou na criança tanto comportamentos de maior retraimento, possivelmente pelo tom mais crítico e avaliativo, quanto comportamentos de externalização, possivelmente como uma maneira que a criança encontrou de expressar os sentimentos que tal comportamento parental provocava. Estes comportamentos parentais, possivelmente geram sentimentos de ansiedade e medo nas crianças, bem como sentimentos de fracasso, como as práticas educativas coercitivas. Desta forma, esta categoria vem a contribuir para refletir acerca da exigência dos pais para com seus filhos, podendo auxiliar na reflexão de que, mesmo que os pais não se considerem coercitivos, no sentido de punir os filhos, muitas vezes o tom crítico e exigente, pode gerar emoções intensas nos filhos e dificultar o desenvolvimento da auto regulação, por exemplo, e a utilização de estratégias coercitivas pelos filhos para lidar com estes sentimentos.

Junto disso, é importante pensar também na categoria comportamento inadequado, a qual esteve presente na maioria das interações dos pais e das mães com seus filhos. Isto foi particularmente frequente nas mães da Família 1 e 4 e nos pais da Família 3 e 4. Tal categoria engloba comportamentos mais infantilizados, atitudes que contradizem verbalizações, indiferença em relação à criança ou a utilização de palavras e explicações muito difíceis para a criança compreender. Assim, segundo Capaldi, Chamberlain e Patterson (1997) as práticas parentais ineficazes tem como efeito a permissão de uma série de interações diárias, nas quais os membros da família reforçam o comportamento coercitivo e os problemas de conduta da criança. De acordo com Alvarenga (2004), a consequência deste tipo de funcionamento familiar é que, na

medida em que os comportamentos da criança se agravam, as estratégias de controle dos pais tornam-se progressivamente mais coercitivas e severas, embora ineficazes.

Da mesma forma, comportamentos parentais que envolvem intrusividade acabam por não estimular a autonomia, nem respeitar os desejos da criança, uma vez que os pais acabam delimitando que a criança faça algo diferente daquilo que ela já havia expressado o desejo de fazer. A intrusividade apareceu nas mães das Famílias 1 e 3. Segundo Oliveira, Frizzo e Marin (2000), pais intrusivos costumam monitorar cada passo da criança, reagindo com perguntas, comentários ou repreensões frequentes. Nesse sentido, tal comportamento parental, de acordo com a literatura (Alvarenga, 2004), também acaba por favorecer os comportamentos externalizantes nos filhos, uma vez que denota uma tendência ao controle exagerado dos comportamentos da criança, demonstrando pouca sensibilidade à necessidade crescente de autonomia da criança (Alvarenga, 2004). Nesse sentido, segundo Crockenberg e Littman (1990), a disponibilidade da criança para obedecer a algum comando, também é afetada pelo grau de autonomia que os pais dão a ela, ou seja, a criança tenderia a cooperar quando ela percebe que participa de uma relação em que há reciprocidade (Alvarenga, 2004).

Em contraponto, atitudes permissivas dos pais frente a comportamentos inadequados da criança, ou seja, quando os pais cediam às birras ou desviavam a atenção da criança sem pontuar que suas atitudes estavam erradas, também se fizeram presentes em várias famílias deste estudo. Isto apareceu em particular nas mães das Famílias 1 e 4 e nos pais das Famílias 4 e 3. Tais atitudes parentais podem reforçar manifestações de externalização nas crianças, justamente na medida em que impossibilita que as mesmas percebam e compreendam uma melhor maneira de expressar um descontentamento ou uma tristeza. Pode-se pensar que os pais se utilizam de tal atitude para que a criança cesse tais comportamentos e que, momentaneamente, seja eficaz. Porém, entende-se que a longo prazo, pode causar sofrimento na criança na medida em que ela, quando circulando em outros meios, como a escola, por exemplo, ou na convivência com pares, pode apresentar esses comportamentos inadequados e não obter a mesma resposta permissiva das pessoas com quem interage.

Outro resultado que corrobora a literatura é a inconsistência ou a falta de sintonia entre as práticas educativas e os comportamentos da mãe e do pai. Dinâmicas nas quais a mãe mostrou-se mais distante das demandas e necessidades do filho e o pai tendeu a ser mais crítico e coercitivo, podendo gerar uma obediência por medo são apontadas na literatura como potencializadores para a externalização dos filhos (Parke

et al.,2005). Na dinâmica familiar dos casos deste estudo, alguns comportamentos, mesmo não tendo sido os mais frequentemente observados, chamaram especial atenção. Na Família 1, a mãe apresentou comportamentos inadequados e pouco engajados e o pai apresentou inconsistência em seus comportamentos, ora engajados, ora não engajados; na Família 2, a mãe teve comportamentos inadequados e demandantes e o pai apresentou comportamentos mais permissivos; na Família 3, a mãe mostrou-se pouco engajada e o pai mais coercitivo; e, na Família 4, a mãe apresentou mais comportamentos inadequados e o pai, além de comportamentos inadequados, também demonstrou pouco engajamento. De acordo com Alvarenga (2004), a contingência das práticas educativas parentais diz respeito a comportamentos nos quais os genitores se comportam de maneira efetiva e consistente, em busca de diminuir comportamentos inadequados e estimular os comportamentos adequados dos filhos. Da mesma forma, Hoffman (1994) salienta que é importante que haja certa consistência entre os pais em relação às práticas educativas, uma vez que a divergência entre os progenitores nesse aspecto pode ser um fator de risco para o desenvolvimento dos filhos. Obviamente os resultados do presente estudo revelaram consistências entre os pais e mães como destacado anteriormente, mas a falta de sintonia entre os pais foi também bastante sentida.

### **Considerações Finais**

Os comportamentos externalizantes são os mais frequentes e mais comumente encontrados na infância. Eles englobam atitudes desafiadoras e opositoras, birras, manhas, mentiras e formas não assertivas de manifestar desejos e necessidades. Tais comportamentos, se não acompanhados de forma mais direta, podem desencadear o aparecimento de psicopatologias mais sérias ao longo da vida do indivíduo. Tal fenômeno é complexo e se dá por uma diversidade de fatores: culturais, sociais, ambientais e mesmo biológicos ou temperamentais da própria criança. Dentro dessa gama de fatores, as práticas educativas e os comportamentos dos pais tem sido apontadas amplamente na literatura como um dos principais preditores para o desenvolvimento desse tipo de comportamento em crianças pré-escolares.

O presente estudo, ao analisar as práticas educativas e os comportamentos de pais cujos filhos apresentavam problemas de comportamento externalizante, corroborou com os achados da literatura de que comportamentos coercitivos (Catania, 1999; Patterson & cols., 2000), não engajamento parental (Stormshak, 2000), falta de

consistência nas práticas de pais e mães (Alvarenga, 2009; Block, Block, & Morrison, 1981; Deal, Halverson, & Wampler, 1989), permissividade (Mondin, 2008), intrusividade (Lins, Alvarenga, Paixão, Almeida & Costa, 2012; Oliveira, Frizzo & Marin, 2000), estão associados à presença de comportamentos externalização nos filhos. Ainda conforme a literatura, a presença destes comportamentos parentais quando presentes em crianças com temperamento possivelmente mais 'reativo' podem favorecer a presença dos comportamentos externalizantes nos filhos, mesmo frente a uma relação que tenha também trocas positivas e afetivas.

Os resultados do presente estudo possibilitam refletir também sobre as dinâmicas familiares atuais e a manifestação dos problemas de comportamentos externalizantes. Famílias com filhos com problemas de comportamentos externalizantes, não necessariamente são crianças que vivem em bairros violentos, expostos apenas a vivências com os pais com comportamentos coercitivos, mas também, pais de classe média que apesar de apresentarem trocas afetivas, também apresentam outros comportamentos, como de não engajamento, intrusividade, coercitivos e demandantes, que podem estar associados à rotina familiar, levando a falta de espaço para o atendimento das necessidades emocionais dos filhos e deles mesmos.

Evidentemente, o presente estudo apresenta algumas limitações, como por exemplo, a possibilidade de os pais terem pautado seus comportamentos diante da observação e das câmeras dispostas na sala, apresentando comportamento socialmente desejáveis. Entretanto, mesmo assim, apareceram comportamentos 'negativos' como não engajamento, comportamento coercitivo, intrusividade, bem como falta de suporte emocional e envolvimento positivo, o que permite pensar que os pais podem até ter estes comportamentos de forma mais frequente em casa, quando não estão diante de uma situação de observação. Outra limitação pode ter sido o pouco tempo de observação para analisar uma temática tão complexa. Estamos cientes disto e, na sequência, a ideia é estender este estudo e analisar os comportamentos da tríade pai-mãe-criança, visto que a dinâmica parental pode mudar quando os três membros da família estão presentes. Além disso, ressalta-se o número pequeno de casos, bem como a utilização de categorias que podem não ter captado toda a complexidade do fenômeno em questão.

Apesar disso, o presente estudo contribui para a compreensão do fenômeno foco deste estudo, na medida em que utilizou a observação da interação como ferramenta para análise das práticas e comportamentos parentais e sua associação com os

problemas externalizantes. Como exposto anteriormente, muitos estudos utilizam apenas medidas de auto relato e investigam especialmente as mães. Assim, o presente estudo contribuiu ao observar os comportamentos de ambos os pais, salientando a importância do pai na manifestação dos comportamentos de externalização da criança. Ou seja, o presente estudo destaca a necessidade de investigar ambos os papéis parentais para a compreensão destes comportamentos. Ademais, o presente trabalho estudou uma faixa etária muito importante visto que jovens e adultos, com comportamentos desviantes, foram crianças que tenderam a apresentar condutas de externalização nesta faixa etária. Logo compreender o funcionamento familiar, o qual está diretamente associado aos comportamentos de externalização, se configura como um importante foco para que se possa atuar na prevenção e tratamento dos problemas de externalização.

Além disso, os resultados do presente estudo destacam que filhos com problemas externalizantes, não tem somente pais coercitivos, permissivos ou intrusivos, mas também pais eventualmente envolvidos positivamente, o que nos faz refletir sobre a complexidade de fatores e das interações entre os fatores, que atuam nos problemas externalizantes. As relações destas crianças com seus pais não se constituíram, então, como totalmente negativas, porém o que ocorreu de negativo possivelmente foi suficiente para impactar no desenvolvimento destas crianças, especialmente na construção dos limites internos, no autocontrole e na socialização.

## REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. S. (1979). The child behavior profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47(2), 223-233.
- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington: Department of Psychiatry. University of Vermont.
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2000). *Manual for ASEBA preschool forms & profiles*. Burlington: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, and Families.

- Alati, R., et. al (2010). Do maternal parenting practices predict problematic patterns of adolescent alcohol consumption?. *Addiction*, 105. 872–880. doi:10.1111/j.1360-0443.2009.02891.x
- Alvarenga, P. (2004). *Problemas de externalização e competência social na infância: o impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. A. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(3), 449-460.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2009) Práticas Educativas Maternas e Indicadores do Desenvolvimento Social no Terceiro Ano de Vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 191-199. Doi: 10.1590/S0102-79722009000200004
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2001). *Entrevista sobre práticas parentais*. (Documento não publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Alvarenga, P., Marin A. & Piccinini, C. A. (2003a). *Estrutura de categorias para análise das práticas educativas maternas e dos comportamentos da criança – 30º mês*. Material não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnostic e statistic de transtornos mentais*, 5th ed. Porto Alegre: Artmed.
- Amorin, P. (2000). Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. *Rev. Bras. Psiquiatr*, 22(3), 106-115. Doi: 10.1590/S1516-44462000000300003
- Anselmi, L., Piccinini, C. A., Barros, F. C., & Lopes, R. S. (2004). Psychosocial determinants of behavior problems in Brazilian preschool children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(4), 779-788.
- Bailey, J. A., Hill, K. G., Oesterle, S., & Hawkins, J. D. (2009). Parenting practices and problem behavior across three generations: Monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 45(5), 1214–1226. doi: 10.1037/a0016129
- Bater, L. R. & Jordan, S. S. (2017). Child Routines and Self-Regulation Serially Mediate Parenting Practices and Externalizing Problems in Preschool Children. *Child Youth Care Forum* 46, 243-259. Doi: 10.1007/s10566-016-9377-7

- Block, J., Block, J., & Morrison, A. (1981). Parental Agreement-Disagreement on Child-Rearing Orientations and Gender-Related Personality Correlates in Children. *Child Development*, 52(3), 965-974. doi:10.2307/1129101
- Bordin, I. & Offord, D. (2000). Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22, 12-15.
- Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). *Observação da Interação pais-criança*. (Documento não publicado). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Braun V, Clarke V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*. 3(2). 77–101.
- Bufferd, S. J., Dougherty, L. R., Carlson, G. A., Rose, S., & Klein, D. N. (2012). Psychiatric disorders in preschoolers: continuity from ages 3 to 6. *Am J Psychiatry*, 169, 1157-64. Doi: 10.1176/appi.ajp.2012.12020268.
- Capaldi, D., & Patterson, G. (1991). Relation of parental transitions to boys' adjustment problems. I. Linear hypothesis. II Mothers at risk for transitions and unskilled parenting. *Developmental Psychology*, 27(3), 489-504. doi: 10.1037/0012-1649.27.3.489
- Capaldi, D., Chamberlain, P. & Patterson, G. (1997). Ineffective discipline and conduct problems in males: Association, late adolescent outcomes and prevention. *Aggression and Violent Behavior*, 2(4), 343-353.
- Cardoso, L. P. de S. (2011). *Parentalidade e problemas de comportamento em crianças do pré-escolar*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira.
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade de São Paulo.
- Castro, R. E. F., Melo, M. H. S., & Silveiras, E. F. M. (2003). O julgamento de pares de crianças com dificuldades interativas após um modelo ampliado de intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 309-318. doi: 10.1590/S0102-79722003000200011
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.
- Crockenberg, S., & Litman, C. (1990). Autonomy as competence in 2-year-olds: Maternal correlates of child defiance, compliance, and self-assertion. *Developmental Psychology*, 26(6), 961-971. Doi: 10.1037/0012-1649.26.6.961

- Cunningham, C., et. al (2009). Systemic Inflammation Induces Acute Behavioral and Cognitive Changes and Accelerates Neurodegenerative Disease. *Biological Psychiatry*, 65(4), 304–312. Doi: 10.1016/j.biopsych.2008.07.024
- Curto, B., Paula, C. S., Nascimento, R., Murray, J. & Bordin, I. A. S (2011). Environmental factors associated with adolescent antisocial behavior in a poor urban community in Brazil. *Social Psychiatric Epidemiology*, 46, 1221-1231.
- Dallaire, D. H., Wilson L. C., (2010) The relation of exposure to parental criminal activity, arrest, and sentencing to children's maladjustment. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 404–418.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. Doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Deal, J., Halverson, C., & Wampler, K. (1989). Parental Agreement on Child-Rearing Orientations: Relations to Parental, Marital, Family, and Child Characteristics. *Child Development*, 60(5), 1025-1034. doi:10.2307/1130776
- Denham, S. A., Renwick, S. M. & Holt, R. W. (1991). Working and playing together: Prediction of preschool social-emotional competence from mother-child interaction. *Child Development*, 62, 242-249.
- Dishion, T. J., & Patterson, G. R. (2015). *The Development and Ecology of Antisocial Behavior in Children and Adolescents, in Developmental Psychopathology*. In D. Cicchetti & D. J. Cohen, *Developmental Psychopathology*. USA: John Wiley & Sons, Ltd. doi: 10.1002/9780470939406.ch13
- Durbin, C. E., & Wilson, S. (2012). Convergent validity of and bias in maternal reports of child emotion. *Psychological Assessment*, 24(3), 647-660. Doi: 10.1037/a0026607
- Eiden, R. D., Edwards, E. P., & Leonard, K. E. (2007). A Conceptual Model for the Development of Externalizing Behavior Problems Among Kindergarten Children of Alcoholic Families: Role of Parenting and Children's Self-Regulation. *Developmental Psychology*, 43(5), 1187–1201. Doi: 10.1037/0012-1649.43.5.1187
- Falcone, E. O. (2001). Uma proposta de um sistema de classificação das habilidades sociais. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (pp. 195-209). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Fernandes, D. P. (2014). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do Modelo da Coerção de Patterson*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.



- Freitas, L. M. A. & Alvarenga, P. (2016). Interação pais-criança e problemas de comportamento na infância. *Psico (Porto Alegre)*, 47(4), 279-287
- Gauy, Fabiana Vieira, & Guimarães, Suely Sales. (2006). Triagem em saúde mental infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 5-15. doi: 10.1590/S0102-37722006000100002
- Granic, I., & Patterson, G. R. (2006). Toward a Comprehensive Model of Antisocial Development: A Dynamic Systems Approach, *Psychological Review*, 113(1), 101–131. Doi: 10.1037/0033-295X.113.1.10
- Grusec, J.E. & Lytton, H. (1988). *Social development: history, theory and research*. New York: Springer-Verlang.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral, internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and Internalization. *Developmental Psychology* 30(1), 26-28.
- Kawabata, Yoshito & Alink, Lenneke & Tseng, W.-L & van IJzendoorn, Marinus & R. Crick, Nicki. (2011). Maternal and paternal parenting styles associated with relational aggression in children and adolescents: A conceptual analysis and meta-analytic review. *Developmental Review*, 31, 240-278. Doi: 10.1016/j.dr.2011.08.001.
- Kazdin, A. E., & Weisz, J. R. (2003). *Evidence-based psychotherapies for children and adolescents*. New York, London: The Guilford Press.
- Keegstra, A. L., Post, W. J., & GoorhuisBrouwer, S. M. (2010). Behavioural problems in young children with language problems. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, 74(6), 637–641.
- Lansford, J. E., Malone, P. S., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (2010). Developmental Cascades of Peer Rejection, Social Information Processing Biases, and Aggression During Middle Childhood. *Development and Psychopathology*, 22(3), 593–602. doi: 10.1017/S0954579410000301
- Lins, T., Alvarenga, P., Paixão, C., Almeida, E., & Costa, H. (2012). Problemas externalizantes e agressividade infantil: uma revisão de estudos brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(3), 59-75
- Liu, J. (2004). Childhood externalizing behavior: theory and implications. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 17(3), 93-103. Doi: 10.1111/j.1744-6171.2004.tb00003.x
- Lösel, F., & Bender, D. (2012). Child social skills training in the prevention of antisocial

- development and crime. In D.P. Farrington and B. C. Welsh (Eds.), *Handbook of crime prevention* (pp. 102-129). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Marin, A. (2009). *Estabilidade e mudança nas práticas parentais educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares e sua relação com a competência social infantil*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Marin, A., Piccinini, C. A., Gonçalves, T. R., & Tudge, J. R. H. (2012). Práticas educativas parentais, problemas de comportamento, e competência social de crianças em idade pré-escolar. *Estudos de Psicologia*, 17(1), 05-13. doi: 10.1590/S1413-294X2012000100002
- McKee, L., Colletti, C., Rakow, A., Jones, D. J. e Forehand, R. (2008). Parenting and child externalizing behaviours: Are the associations specific or diffuse? *Aggression and Violent Behaviour*. 13, 201-2015.
- McElroy, E. M., Rodriguez, C. M. (2008) Mothers of children with externalizing behavior problems: cognitive risk factors for abuse potential and discipline style and practices. *Child Abuse Negl.* 32, (8) 774-784. doi: 10.1016/j.chiabu.2008.01.002.
- McLoyd, V. C. & Smith, J. (2002). Physical discipline and behavior problems in african american, european, and spanish children: Emotional support as a moderator. *Journal of Marriage and Family*, 64, 40-53. Doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00040.x
- Meteyer, K. B & Perry-Jenkins, M. (2009). Dyadic parenting and children's externalizing symptoms. *Fam. Relat.* 58(3), 289–302
- Merg, M. M. G. (2008). *Características da clientela infantil em clínicas-escola*. Dissertação de Mestrado. Programa de estudos em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Moffitt, T. E. (2003). Life-course persistent versus adolescent-limited antisocial behavior. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: Risk, disorder and adaptation* (pp. 570– 598). Hoboken, NJ: Wiley
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicol. Argum.* 26(54), 233-244.
- Núcleo de Infância e Família/NUDIF/UFRGS (2011). *Ficha de Dados Demográficos*. (Documento não publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Núcleo de Infância e Família (2016). *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. (Documento não publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Oliveira, D. S., Moroni, M. R., & Arpini, D. (2007). Práticas de educação: relato de mães

- usuárias de um serviço público de saúde. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 351-361.
- Oliveira, E. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para com meninos e meninas de 4 e 5 anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 363-371. Doi: 10.1590/S0102-79722000000300005
- Olson, S. L., Lopez-duran, N., Lunkenheimer, E. S., Chang, H., & Sameroff, A. J. (2011). Individual differences in the development of early peer aggression: Integrating contributions of self-regulation, theory of mind, and parenting. *Development and Psychopathology*, 23(1), 253–266. Doi: 10.1017/S0954579410000775
- Owens E. B., Shaw D. S. (2003) Predicting growth curves of externalizing behavior across the preschool years. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 575–590.
- Pacheco, J. (2004). *A construção do comportamento antissocial em adolescentes autores de atos infracionais: uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Pacheco J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(1), 55-61. doi: 10.1590/S0102-79722005000100008
- Patterson G. R., DeBaryshe, B. D, & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44, 329-335.
- Patterson, G. R., Reid, J., & Dishion, T. (1992). *Antisocial boys*. Eugene: Castalia Publishing Company.
- Patterson, G. R., DeGarmo, D. S., & Knutson, N. (2000). Hyperactive and antisocial behaviors: Comorbid or two points in the same process? *Development and Psychopathology*, 12, 91-106. Doi: 0.1017/S0954579400001061
- Paula, C. S., Curto, B., Teixeira, M. C. T., & Bordin, I. A. (2014). *Dados epidemiológicos sobre problemas de conduta e fatores preditores em crianças e 10 adolescentes brasileiros*. In Borsa, J. C., & Bandeira, D. R. (Org.), *O comportamento agressivo na infância: da teoria à prática*. (pp. 30-60). Porto Alegre, RS: Casa do Psicólogo.
- Parke, R. D. Dennis, J. Flyr, M. L. Morris, K. L. Leidy, M. S. & Schofield, T. J. (2005) *Fathers: Cultural and ecological perspectives*. In: Luster, T.; Okagaki, L., editors. *Parenting: An ecological perspective*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. p. 103-144.

- Pedrini, J. R., & Frizzo, G. B. (2010). Avaliação de indicadores de problemas de comportamento infantil relatados por pais e professores. *Aletheia*, (33), 69-83.
- Pettit, G. S. & Bates, J. E. (1989). Family interaction patterns and children's behavior problems from infancy to 4 years. *Developmental Psychology*, 25, 413-420. doi: 10.1037/0012-1649.25.3.413
- Piccinini, C. A. & Alvarenga, P. (2001). *Entrevista sobre práticas parentais*. (Documento não publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Pimentel, M. J., Vieira-Santos, S., Santos, V. & Vale, M. C., (2011). Mothers of children with attention deficit/hyperactivity disorder: relationship among parenting stress, parental practices and child behaviour. *ADHD Atten Def Hyp Disord* 3(61). Doi: 10.1007/s12402-011-0053-3
- Power, T. G. (2004). Stress and coping in childhood: The parents' role. *Parenting: Science and Practice*, 4(4), 371-317.
- Rescola et al. (2012). International Epidemiology of Child and Adolescent Psychopathology II: Integration and Applications of Dimensional Findings From 44 Societies. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 51(12), 1273-1283. Doi: 10.1016/j.jaac.2012.09.012
- Rios, K. S. A. (2006). *Efeitos de um programa de prevenção de problemas de comportamento em crianças pré-escolares de famílias de baixa renda*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Carlos.
- Salvo, C. G., Silveiras, E. F. de M., & Toni, P. M. de. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 187-195.
- Sandler, I. N., Schoenfelder, E. N., Wolchik, & Mackinnon, D. P. (2010). Long-Term Impact of Prevention Programs to Promote Effective Parenting: Lasting Effects but Uncertain Processes. *Annual Review of Psychology*, 62, 18.1-18.32.
- Scrimgeour, M. B., Blandon, A. Y., Stifter, C. A., & Buss, K. A. (2013). Cooperative Coparenting Moderates the Association between Parenting Practices and Children's Prosocial Behavior. *Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 27(3), 506-511. Doi: 10.1037/a0032893
- Sheehan, D. V. & Lecrubier, Y. (1998). *Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI)*. University of South Florida.

- Snyder, J., McEachern, A., Schrepferman, L., Zettle, R., Johnson, K., Swink, N., & McAlpine, C. (2006). Rule-governance, correspondence training, and discrimination learning: A developmental analysis of covert conduct problems. *Speech and Language Pathology and Applied Behavior Analysis, 1*(1), 43–54.
- Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. J., Lengua, L. J., & Conduct Problems Prevention Research Group. (2000). Parenting Practices and Child Disruptive Behavior Problems in Early Elementary School. *Journal of Clinical Child Psychology, 29*(1), 17–29.
- Tremblay, R. E. (2010). Developmental origins of disruptive behaviour problems: the ‘original sin’ hypothesis, epigenetics and their consequences for prevention. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 51*. 341–367. doi:10.1111/j.1469-7610.2010.02211.x
- Zamberlan, M. A. T. (2003). *Psicologia e prevenção: Modelos de intervenção na infância e na adolescência*. Londrina: EDUEL

## ANEXOS

## Anexo A – Aprovação comitê de ética em pesquisa UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -  
UFRGS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Relação pais-criança e Problemas de comportamento externalizantes: contribuições da Terapia do Esquema

**Pesquisador:** CESAR AUGUSTO PICCININI

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 52323716.0.0000.5334

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia - UFRGS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.448.528

**Apresentação do Projeto:**

O objetivo deste estudo é investigar as contribuições de uma intervenção baseada na Terapia do Esquema para a relação dos pais com o/a filho/a que apresenta problemas de comportamento externalizantes. Trata-se de uma proposta de intervenção baseada nos conceitos da Terapia do Esquema, particularmente os de Esquemas Iniciais Desadaptativos e Estilos Parentais, aplicados a problemas de externalização em crianças pré-escolares. A Terapia do Esquema para pais e crianças compreende que com a identificação e o manejo do Esquemas, os pais apresentariam melhores relações parentais com seus filhos de modo a atender as necessidades emocionais destes, e dessa maneira minimizar os problemas de comportamentos externalizantes. Participarão do estudo 4 famílias (4 mães e 4 pais) de crianças com problemas de comportamento externalizantes. O projeto conta com 4 fases de coleta de dados. Na Fase I serão aplicadas entrevistas, instrumentos e observação da relação pais-criança. Na fase 2 será realizada a Intervenção para pais-criança com a Terapia do Esquema (IPATE), em um total de 15 encontros. Uma semana após o término do IPATE, na Fase 3, serão aplicadas novamente as entrevistas e a observação. Na Fase 4, um mês após a Fase 3, será realizado um encontro de follow up, que permitirá também compreender as contribuições da intervenção. Espera-se que essa intervenção contribua para que os pais identifiquem e manejem os seus Esquemas, melhorando a relação pais-

**Endereço:** Rua Ramiro Barcelos, 2600

**Bairro:** Santa Cecília

**CEP:** 90.035-003

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-5698

**Fax:** (51)3308-5698

**E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -  
UFRGS



Continuação do Parecer: 1.448.528

filho e diminuindo os problemas de comportamentos externalizantes do/a filho/a.

**Objetivo da Pesquisa:**

O presente estudo visa a investigar as contribuições de uma intervenção baseada na Terapia do Esquema para a relação dos pais com o/a filho/a que apresenta problemas de comportamento externalizantes.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Se refere a um projeto de risco mínimo, uma vez que possíveis dificuldades despertadas pela participação na pesquisa poderão ser trabalhadas no próprio contexto do projeto, que será de atendimento clínico.

Benefícios:

A intervenção buscará melhorar a relação pais-criança e minimizar os problemas de comportamento externalizantes da criança.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante e trará importantes contribuições para a área.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de consentimento deverão apresentar o período de armazenamento do material. Os demais termos estão presentes e de acordo.

**Recomendações:**

Acrescentar o período de armazenamento do material coletado em pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Acrescentar o período de armazenamento do material coletado em pesquisa, que consta de 5 anos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                 | Arquivo                                      | Postagem               | Autor                      | Situação |
|--------------------------------|--|------------------------|----------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_649764.pdf | 07/01/2016<br>11:56:00 |                            | Aceito   |
| Outros                         | PARECERCOMPESQ.docx                          | 07/01/2016<br>11:55:27 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito   |
| Folha de Rosto                 | folhaderosto.doc                             | 06/01/2016             | CESAR AUGUSTO              | Aceito   |

**Endereço:** Rua Ramiro Barcelos, 2600

**Bairro:** Santa Cecília

**CEP:** 90.035-003

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-5698

**Fax:** (51)3308-5698

**E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -  
UFRGS



Continuação do Parecer: 1.448.528

|   |                              |                        |                            |        |
|---|------------------------------|------------------------|----------------------------|--------|
| Folha de Rosto  | folhaderosto.doc             | 16:48:43               | PICCININI                  | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | Aceite_Creche.pdf            | 06/01/2016<br>14:07:19 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_HCPA.doc                | 06/01/2016<br>14:03:45 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Carta_justificativa_HCPA.doc | 06/01/2016<br>13:52:06 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Documento_anuencia.pdf       | 06/01/2016<br>13:50:06 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Projeto_de_Pesquisa.doc      | 06/01/2016<br>13:40:57 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_UFRGS.doc               | 06/01/2016<br>13:40:23 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| Orçamento   | Orcamento.doc                | 06/01/2016<br>13:25:10 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |
| Cronograma  | Cronograma.doc               | 06/01/2016<br>13:23:29 | CESAR AUGUSTO<br>PICCININI | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 13 de Março de 2016

Assinado por:  
Clarissa Marceli Trentini  
(Coordenador)

**Endereço:** Rua Ramiro Barcelos, 2600  
**Bairro:** Santa Cecília **CEP:** 90.035-003  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br



**ANEXO B****Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada(o), de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta de dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo investigar as contribuições Terapia do Esquema para a relação dos pais com o filho/a que apresenta problemas de comportamento. A pesquisa está dividida em três fases. Na Fase 1, serão realizadas entrevistas, aplicação de instrumentos com os pais e filmagem da interação pais-criança na sala de atendimento. Na Fase 2 ocorrerão os encontros da intervenção com os pais e outros com os pais e a criança, momento no qual os temas previstos na intervenção, serão apresentados aos pais. Por fim, na Fase 3 será realizada novamente entrevistas, aplicação de instrumentos com os pais e filmagem da interação pais-criança. Os dados obtidos serão utilizados somente para fins de pesquisa, conforme o objetivo apresentado. O local das entrevistas, os encontros e o número dos mesmos, serão combinados entre a pesquisadora e os pais, mas serão realizados preferencialmente no Centro de Atendimento Pais-Bebê do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde – CIPAS do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado na Rua Ramiro Barcelos, 2777. A coleta de dados será organizada sem custo aos participantes e, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte. Acredita-se que os encontros permitirão os pais refletirem acerca da sua relação com seu/sua filho/a e que isso poderá trazer benefício para essa relação e para os problemas apresentados pelo/a filho/a. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os pais poderão também ser encaminhados para a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Tenho conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa, ou com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, Rua Ramiro Barcelos 2600, pelo fone (51) 3308-5698. A minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar o consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo. Todos os dados coletados serão arquivados na sala 111 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por cinco anos. Entendo que não serei identificada e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas à minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar deste estudo.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são Prof. Cesar Augusto Piccinini e a doutoranda Marcela Bortolini, que poderão ser contatados pelo fone (51) 3308-5058 e e-mail: bortolini.marcela@gmail.com. Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2777 – Bairro Santa Cecília – Porto Alegre.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Pesquisador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## ANEXO C

## Ficha de dados demográficos da família

(NUDIF, 2011)<sup>1</sup>

## I. Eu gostaria de algumas informações sobre a família:

Nome da criança:..... Cod. de Identificação:.....  
 -Idade: ..... Sexo: ..... Idade gestacional: ..... Peso ao nascer: ..... Apgar: .....

## Sobre a mãe:

-

Nome.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Local de nascimento? .....
- Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural  
Município:.....
- Estado Civil: ( ) casada; ( ) solteira; ( ) separada; ( ) viúva; ( ) com companheiro
- Número de filhos: ..... Enteados: .....
- Filhos teus com atual companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):  
Vive junto: .....; Não vive junto: .....
- Filhos teus com outro homem (incluir sexo – M ou F e idade): ( ) sim ( ) não  
Vive junto: .....; Não vive junto: .....
- Moras junto com o pai da criança? Sim ( ) não ( ) Se sim: Desde quando? .....
- Quem mais mora na casa? (incluir parentesco e idade) .....
- Número total de pessoas que moram na casa:.....
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada Não trabalha há ..... meses
- O que tu fazes (ias)?..... Horas/dia: .....  
Dias/semana: .....
- Salário: .....
- Qual a renda familiar mensal (aprox.)? .....
- Moradia: própria ( ) alugada ( ) outro ( ) .....

## Sobre o pai:

-

Nome.....

.

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Local de nascimento? .....
- Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural  
Município:.....
- Filhos com outra mulher (incluir sexo – M ou F e idade): ( ) sim ( ) não
- Trabalha fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado Não trabalha há ..... meses
- O que faz (ia)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....
- Salário:.....

II. Eu gostaria agora, de algumas informações sobre a tua moradia:<sup>2</sup>

- Quantos cômodos a tua moradia tem?
- Saberias dizer quantos metros quadrados a tua moradia tem?
- Quantos quartos a tua moradia tem?
- Possui Banheiro? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Televisores (em cores)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Rádio (qualquer um, menos de automóvel)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Automóvel (carro ou moto)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Máquina de Lavar (automáticas e/ou semi-automáticas)? Sim ( ) Quantas? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Videocassete e/ou DVD (qualquer tipo)? Sim (  ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não (  )
- Possui Geladeira? Sim (  ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não (  )
- Possui Freezer? Sim (  ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não (  )
- Possui computador? Sim (  ) Quantos? \_\_\_\_ Tipo: \_\_\_\_\_ Não (  )
- Possui secador de roupa? Sim (  ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não (  )
- Como é a tua vizinhança? E o bairro em que você mora, como é? Como é a violência no bairro?
- A água no seu domicílio é proveniente de? Rede geral de distribuição: (  ) Poço ou nascente (  )  
Outro
- A rua no seu domicílio, é: Asfaltada/Pavimentada (  ) Terra/Cascalho (  )

<sup>1</sup> NUDIF, 2011 adaptada de NUDIF/PREPAR, 2009; <sup>2</sup> Itens derivados do Critério de Classificação Econômica Brasil, da ABEP, 2015.

**ANEXO E**  
**Entrevista sobre o desenvolvimento infantil/4-5 anos**  
 (NUDIF/CRESCI, 2014)

**1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (nome) agora que ele/a está com quatro/cinco anos...**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (nome)?
- O/a (nome) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que ele/a é capaz de fazer que te chama mais a atenção (habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do/a (nome)? Era como tu imaginavas?  
(Se não era) O que está diferente? Como tu te sentes?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido (física e emocionalmente)? Era como tu imaginavas?  
(Se não) O que está diferente? Como tu te sentes?
- Que coisas o/a (nome) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E como ele/a fica ao perceber que te desagradou?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre (repetir a cada tema):**

(Caso não mencionado o que consta nas subquestões, repetir: Tu poderias falar um pouco mais sobre...)

**a) Alimentação do/a (nome):**

- Como tem sido a hora das refeições do/a (nome)? Ele/a se alimenta sozinho?
- Ele/a costuma solicitar a tua ajuda ou a ajuda de outra pessoa nesse momento? O que tu fazes?
- Ele/a tem usado a mamadeira?  
(Se sim) Tu tens a intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando e como pensas fazer isto?
- Tu percebeste alguma mudança na alimentação do/a (nome) no último ano?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação à alimentação dele/a?

**b) Uso do bico/chupeta pelo/a (nome):**

- Ele/a tem usado bico/chupeta?  
(Se sim) Tu tens a intenção de que ele/a largue o bico/chupeta? Quando e como tu pensas fazer isto?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação ao uso do bico/chupeta?

**c) O controle do xixi e do cocô do/a (nome):**

- Como está o controle do xixi e do cocô do/a (nome)?
- Quando e como foi o início do controle esfinteriano dele/a?
- E atualmente, ele/a costuma solicitar tua ajuda nesse momento? Como tu costumavas reagir à sua solicitação?
- Ele/a tem usado fralda em algum momento do dia?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação ao controle do xixi e cocô?

**d) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes do/a (nome):**

- Como é o comportamento do/a (nome) nesses momentos? Ele/a realiza estas atividades sozinho/a?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda? Como tu costumavas reagir à sua solicitação?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação a essas atividades?

**e) O sono do/a (nome):**

- Como está o sono dele/a? Como tem sido a hora de dormir do/a (nome)?
- Ele/a consegue pegar no sono sozinho ou costuma solicitar a presença de alguém? Ele/a pede algum objeto?
- Alguém mais costuma participar deste momento?
- Vocês têm alguma rotina na hora de dormir? (contar histórias, cantar)
- Onde e com quem ele/a dorme?
- Como ele/a reage aos sonhos ruins ou pesadelos?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação ao sono dele/a?

**f) O choro/manha do/a (nome):**

- Em que momentos ele/a chora ou faz manha? Como tu te sentes?
- Tu consegues acalmá-lo?
- Como tu fazes?
- E mais alguém consegue acalmá-lo?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação ao choro/manha?

**g) Linguagem/fala do/a (nome):**

- Como está a fala/linguagem do/a (nome)?
- O quê o/a (nome) costuma conversar contigo, ou outras pessoas?
- Ele/a constrói sentenças ou frases com uma sequência? (ex. contar o que aconteceu no dia ou contar uma história)
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação à linguagem dele/a?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre (repetir a cada tema):**

(Caso não mencionado o que consta nas subquestões, repetir: *Tu poderias falar um pouco mais sobre...*)

**a) As brincadeiras do/a (nome):**

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quais brincadeiras têm interessado o/a (nome) nesse momento?
- Ele/a costuma brincar de fazdeconta?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Ele/a costuma brincar com outras crianças ou adultos?
- Ele/a expressa seus sentimentos e emoções em relação a outras crianças ou adultos?
- Tu costumavas brincar com ele/a (nome)? De quê? Com que frequência? Como ele/a reage a estas brincadeiras?
- Ele/a tem animal de estimação? Eles brincam juntos?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação às brincadeiras do/a (nome)?

**b) Como tu descreverias o modo de se comportar do/a (nome)?**

- Quando ele/a fica zangado/a, como ele/a costuma reagir? E como te sentes?
- O teu/tua filho/a costuma ter concentração ao realizar alguma atividade?
- Como ele/a reage quando tem dificuldade para desempenhar alguma tarefa? E o que tu fazes?
- Tu percebes que ele/a manifesta sentimento de culpa em algum momento? E vergonha?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação ao modo do/a (nome) se comportar?

**c) Os medos do/a (nome):**

- Ele/a apresenta algum tipo de medo?
- (*Se sim*) Qual? Quando começou?
- Como ele/a expressa os seus medos? (*através da fala, alguns comportamentos*)
- Como tu lidas com estes medos do/a (nome)? Isso tem funcionado? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança nos medos dele/a nos últimos meses?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação às questões de medo do/a (nome)?

**d) As frustrações do/a (nome):**

- Como o/a (nome) reage quando recebe um não ou é contrariado? O que tu fazes?
- Como o/a (nome) lida com limites que tu colocas para ele/a? (*aceita, não aceita, briga*). E quando é outra pessoa?
- Como tu lidas quando o/a (nome) não quer fazer algo que é necessário? O que tu fazes?
- Ele/a tem crises de birra?
- (*Se sim*) Em que situações? Como tu lidas com isso?
- Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação às questões de frustração do/a (nome)?

**e) As questões de autonomia e dependência do/a (nome):**

- O/a (nome) procura fazer as coisas mais sozinho/a ou pede ajuda?
- Como ele/a expressa o que quer ou não fazer? (*fala, atitudes*)
- O que o/a (nome) costuma fazer sozinho (a) /sem ajuda e que te chama mais atenção? Como te sentes?

- *E o que o/a ( nome ) não é capaz de fazer sozinho (a) /sem ajuda? E a quem ele/a pede ajuda? Como te sentes?*
- *Tu incentivas que ele/a faça atividades sem ajuda? Quais?*
- *Alguma coisa te chama a atenção ou te preocupa em relação às questões de autonomia do/a (nome)?*

**4. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

(Bortolini & Piccinini, 2016)

**Descrição do ambiente de filmagem**

- Sala com aproximadamente 25m<sup>2</sup>, com duas filmadoras, tapete de material propício para crianças e pais brincarem sentados e brinquedos adequados à faixa etária de 4 e 5 anos guardados em uma caixa transparente.

**Descrição da observação**

- Pai-mãe-criança (20 minutos)
- Mãe-criança (15 minutos)
- Pai-criança (15 minutos)

- No final da sessão de observação a psicóloga irá bater na porta e solicitar que a/o mãe/pai peça para a criança guardar os brinquedos.

**Instruções para os pais/mãe/pai**

“Oi, como vocês estão?

Conforme combinamos, hoje gostaria de filmar a interação de vocês com o/a (*nome da criança*).

Gostaria que vocês agissem como naturalmente agem em casa com o/a (*nome*).

Vocês podem ficar à vontade e utilizar o espaço e os materiais da maneira que preferirem.

Inicialmente filmaremos vocês três durante uns 20 minutos. Em segundo momento, vamos filmar primeiro a mãe e o

(*nome*) e depois o pai e o (*nome*).

Quando o tempo de cada filmagem terminar eu vou bater na porta para avisar”.

## **Estrutura de categorias para análise das práticas educativas e comportamentos parentais. (Alvarenga, Marin & Piccinini, 2003) <sup>1</sup>**

**1. Orientação:** essa categoria refere-se a tentativas da mãe de regular o comportamento da criança de forma pouco intrusiva. Inclui perguntar se a criança precisa de ajuda, persuadir ou explicar alguma situação, ou negociar algum aspecto com a criança. Essa categoria é registrada também quando um comando é acompanhado de argumento ou explicação. Esta categoria também é registrada quando os pais encorajam, guiam, incitam a criança a ter um comportamento de uma maneira positiva.

**2. Suporte emocional:** essa categoria refere-se a manifestações dos pais que indicam atenção, consideração e respeito em relação às necessidades, desejos ou vontades da criança, quando estes são manifestados de forma assertiva. Observa-se quando o pai concorda ou atende um pedido da criança ou aceita sua recusa diante de um comando. Incluem-se também nessa categoria perguntas dos pais sobre necessidades, desejos, preferências ou opiniões da criança, que demonstram curiosidade ou interesse.

**3. Envolvimento positivo:** essa categoria refere-se a manifestações de afeto e apoio em relação à criança através de comportamentos não-verbais (carícias, entusiasmo, sorrisos) e verbais (elogios e comentários espontâneos e entusiasmados sobre a atividade da criança). Incluem-se também nessa categoria perguntas, respostas e relatos dos pais quando eles conversam com a criança. Também são incluídos comportamentos parentais que chamam a criança para a interação. Não são incluídos nessa categoria elogios oferecidos contingentemente após a criança atender um comando, mas sim elogios de acertos, de ter feito bem alguma coisa legal.

**4. Comportamento assertivo:** essa categoria inclui comportamentos dos pais assertivos, com destaque para comandos, ordens ou proibições diretas, claras e precisas, feitas à criança de forma não coercitiva. O tom de voz dos pais deve revelar firmeza e assertividade. Também são classificadas nessa categoria recompensas ou reforços (elogios, comentários estimulantes que indicam aprovação ou entusiasmo) oferecidos contingentemente após a criança atender um comando.

**5. Comportamento inadequado:** essa categoria refere-se a formas indiretas e ambíguas de exercer o controle ou de se comportar. Incluem-se nessa categoria ordens, pedidos, proibições e sugestões vagas, indiretas ou confusas e comandos em forma de pergunta. O tom hesitante ou excessivamente polido de voz dos pais ao dar o comando ou ordem indica a presença de controle inadequado. Os pais podem utilizar de tom infantilizado, mostram insatisfação, podendo parecer birrentos ou manhosos, desgostosos. Aqui também os pais demonstram desconsideração, indiferença e isolamento da criança. Além disso, podem usar longas explicações, bem como falas inadequadas para a idade, como por exemplo, palavras difíceis. Aqui também são categorizados comportamentos dos pais controversos.

**6. Comportamento coercitivo:** essa categoria inclui todos os comportamentos dos pais que têm por objetivo regular ou controlar o comportamento da criança de forma coercitiva. O controle coercitivo verbal envolve repreensões, ameaças, verbalizações hostis, queixas, críticas, provocações ou comentários depreciativos em relação ao comportamento da criança. Comandos, ordens, pedidos ou proibições feitos à criança de forma hostil também são codificados nessa categoria. O controle coercitivo não-verbal envolve o uso de qualquer tipo de restrição física (tirar objeto da mão da criança), ou punição física. Se a mãe apenas tocar na criança essa categoria não é registrada.

**7. Intrusividade:** essa categoria refere-se a manifestações dos pais que indicam que eles não percebem ou simplesmente não respondem às necessidades de autonomia da criança ou a seus desejos e pontos de vista. Pais assumem/pega fisicamente a tarefa ou o objeto, e/ou completa alguma tarefa para a criança. Não permitem que a criança faça escolhas ou selecione brinquedos: direcionam o comportamento da criança em relação a uma atividade/brinquedo, sem permitirem que a criança escolha o que quer fazer. Insistem que a criança faça alguma coisa sem estar interessada: pedem que a criança faça algo que, aparentemente, não é de seu interesse. Modificam a atividade quando a criança aparenta interesse: removem um brinquedo/objeto das mãos da criança. Invadem o espaço da criança: limitam e/ou privam o espaço físico da criança,



impedindo que esta se desloque. Oferecem uma barreira à interação: genitor impede que a criança interaja com ele ou ignora suas tentativas. Reprovam o que a criança está fazendo, a brincadeira dela, a percepção dela, a escolha dela.

**8. Permissividade:** essa categoria refere-se a manifestações dos pais envolvendo o reforço para comportamentos inadequados da criança. Incluem-se nessa categoria frases que distraem a criança ou mudam o foco da interação sem comentar diretamente o comportamento inadequado. Comportamentos não-verbais como riso ou concordância diante de comportamentos inadequados da criança que não tenham caráter agressivo ou desafiador também são registradas nessa categoria, assim como ocasiões em que os pais ignoram comportamentos inadequados da criança que tenham caráter agressivo ou desafiador, demonstrando um nível excessivo de tolerância. Também envolve o comportamento do pai de ceder frente à manha ou birra do filho.

**9. Não engajamento** – os pais parecem distantes na interação, parecem não estar conectados à criança e nem à brincadeira. Apesar de os pais falarem algumas coisas com a criança ou a respeito da brincadeira, não parecem estar dentro da brincadeira, falam frases soltas, perguntas isoladas. Eles parecem não engajados, emocionalmente não envolvidos, não responsivos e não conscientes das necessidades do filho. Os pais mostram passividade e falta de interesse. Não acompanham visualmente a atividade do filho, não dirigem o olhar e não acompanham a movimentação. Não respondem às vocalizações, sorrisos ou outros comportamentos, não há respostas para a fala, sorriso ou um outro comportamento dos demais. Ignoram coisas que o filho está fazendo. Pegam objetos sem chamar a atenção dos demais para eles.

#### Com base nos dados

**10. Comportamento demandante** – pais exigem demais da criança na brincadeira ou na conversa. Mostram-se exigentes, solicitando ou eliciando que a criança tenha uma resposta acima do que ela consegue. Os pais podem parecer querer ensinar, mas acabam exigindo demais da criança. Aqui os pais podem parecer críticos e avaliadores. Apresentam expectativas e níveis de responsabilidade altos, focam na avaliação do que o filho sabe ou não sabe.

---

<sup>1</sup> Para fins do presente estudo, foram incluídas as categorias intrusividade, não engajamento e comportamento demandante.